

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

SUELEN GUESSI MENDES

**CULTURA REGIONAL EM DEBATE: O GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA
ITALIANA VALSUGANA E AS POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES NAS AULAS DE
ARTE DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA-SC**

CRICIÚMA

2016

SUELEN GUESSI MENDES

**CULTURA REGIONAL EM DEBATE: O GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA
ITALIANA VALSUGANA E AS POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES NAS AULAS DE
ARTE DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA

2016

SUELEN GUESSI MENDES

**CULTURA REGIONAL EM DEBATE: O GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA
ITALIANA VALSUGANA E AS POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES NAS AULAS DE
ARTE DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 22 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação (UNESC) - Orientador

Prof. Ma. Francine Costa de Bom – Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL) -
Examinadora

Prof. Dra. Viviane Kraieski de Assunção – Doutora em Antropologia Social (UFSC) –
Examinadora

Dedico esse meu trabalho de conclusão de curso aqueles que sempre estiveram e estão ao meu lado: meus pais, minha irmã e o seu marido e a minha pequena afilhada. Dedico também àqueles que eu considero como a minha segunda família, aos dançarinos do Grupo Folclórico Italiano Valsugana. Amo todos vocês! E a você Dona Sirege, vulgo, tia Leka, que se doa para esse grupo há tantos anos. Não menos importante dedico também ao seu filho e meu amigo Daniel, que sempre faz de tudo para o grupo continuar firme em sua caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me fortalecer a cada dia, principalmente por mostrar o caminho que tenho que seguir e a quem devo confiar.

A minha amada família, ao meu pai Braz, que faz de tudo para cuidar da família e da sua empresa, que me ajuda quando preciso. À minha mãe Zuleide que cuida e protege a sua casa, mantendo a família unida com todo o seu amor e carinho. A minha irmã Cintia e ao seu marido Maycon, que sempre me ajudaram, que nunca recusaram um pedido meu, ou seja, sempre que preciso ir há algum lugar eles me levam, me acompanham. A minha afilhada Lara, que sempre consegue tirar a minha atenção, que deixa a minha vida mais alegre, mais colorida e que diz: “*Didi, dança, vem Didi dança.*” e pega o vestido e começa a rodar, como eu faço no grupo Folclórico Italiano Valsugana. Sempre brinco que ela será o futuro do grupo.

Aos meus amigos, que me ajudaram nessa batalha, a realizar essa minha segunda graduação. Principalmente a você Dona Sirege, que abriu as portas do grupo pra mim pela segunda vez, e que se dispôs a contar a história do grupo. Daniel, aquele rapaz que gosta de incomodar aqueles que são próximos a você. Agradeço muito pela sua amizade, por estar sempre por perto quando precisamos, quero que saiba que pode sempre contar comigo. E a você Milene, com seu jeito meigo e carinhoso, está sempre por perto quando precisamos. Tenho muito a agradecer a você também, que se dispôs a me ajudar nesse trabalho de conclusão me escutando, desabafando e também chorando. Kérelis, aquela menina que quando começa a falar sobre o grupo deixa os meus olhos brilhando. E não menos importante ao Darlan, Rafael Belloli, Robson, Jessica Luzziatti, Jessica Possamai e Larissa que me ajudaram de alguma forma, seja com o leva e trás, ou com conversas sobre o meu trabalho de conclusão de curso. Agradeço a vocês não só por esse trabalho, mas pela amizade que tenho a cada um de vocês. A todos do grupo que não estão aqui destacados, agradeço também, pois vocês deixam o meu final de semana mais alegre e divertido. Com vocês o meu dia fica muito, mais muito mais colorido!

E a você professor Marcelo, que me ajudou de muitas maneiras, sempre incentivando, a não desistir de alguns objetivos. Obrigada por me ajudar a concluir mais essa etapa da minha vida!

Talvez após essa conclusão do curso, posso mudar um pouco o meu

rumo, mas nada do que fiz até aqui está perdido, eu vou levar tudo o que aprendi para esse novo caminho.

Para encerrar o meu agradecimento dedico a música “Dia Especial” do Tiago Iorc, para aqueles que fazem parte minha vida, da minha história: “*Mas te vejo e sinto o brilho desse olhar, que me acalma e me traz força pra encarar tudo.*”¹ Tudo fica mais fácil com vocês ao meu lado.

Obrigada!

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y0wzDTutImE>>. Acesso dia 05/11/2016 às 7h26

“O que está em jogo é o momento. Nunca teremos o mesmo espetáculo, ou peça. As apresentações são únicas. O registro possível é apenas aquele guardado na memória e na carne de cada espectador, fruto de sua experiência estética. A vida e a morte da obra são simultâneas – ela vive na medida de sua morte. A permanência de sua existência se dará na medida do seu esquecimento – para lembrar é preciso ter esquecido.”

Maria Isabel Leite, 2008

RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha de educação e arte, do curso Artes Visuais – Licenciatura na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Tem como problemática propor uma investigação entorno da questão: como a dança folclórica italiana está inserida no Ensino da Arte na Educação Básica nas escolas municipais de Criciúma? Apresenta como objetivo investigar se a dança folclórica italiana está inserida no ensino da Arte em diferentes níveis da educação básica nas escolas municipais de Criciúma. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sobre arte com realização de campo com a utilização de questionários dirigidos a professores da rede municipal de Criciúma. O corpo teórico que sustenta minha pesquisa propõe autores como: Linton (1981), Silva (2014), Hall (2005), Leite (2008), Demo (2011), Gil (2008), Strazzacappa (2006), Morandi (2006), Bondiá (2002), dentre outros. Aponto durante a escrita desse trabalho, a importância do professor de Artes contemplar a linguagem da dança na sala de aula, assim como as outras linguagens como o teatro, a música e as artes visuais, sem defender aqui a polivalência. Descrevo também sobre a diversidade cultural que nos rodeia e a necessidade de reconhecer e respeitar. É na existência do outro que nos construímos. Destaco a história do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, grupo no qual faço parte e é parte do objeto desta pesquisa como forma de registro de sua história e contribuições culturais para a cidade de Criciúma. A pesquisa de campo ocorreu a partir de um questionário, que envolveu três professoras de Artes das escolas municipais de Criciúma, com o intuito de investigar como a dança e em específico a dança folclórica italiana é ou não contemplada no currículo escolar. Com base nas respostas desenvolvi um projeto de curso que visa estabelecer interlocuções com a cultura regional e o ensino de arte nas escolas.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Cultura Regional. Linguagem da dança. Grupo Folclórico Italiano Valsugana.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 – Menino com vestido.....	21
Imagem 02 – Vista territorial do Município de Criciúma	26
Imagem 03 – Vista aérea do centro da cidade de Criciúma.....	26
Imagem 04 – Chegada do Dário no Aeroporto Internacional Salgado Filho – Porto Alegre, com as dançarinas do grupo Valsugana, Jessica Possamai e Kérelis da Rosa.....	31
Imagem 05 – Ensaio com o Dário no teatro Elias Angeloni	31
Imagem 06 – Apresentação no ano de 2005 – Traje: Veneto – Coreografia: Funiculli-funiculla	32
Imagem 07 – Apresentação no 9º Festfolk (2007) - Traje: Siciliano.....	33
Imagem 08 – Desfile no Festfolk (2010) - Traje: Siciliano	33
Imagem 09 – Amor, Arte, Tradição! (2014) - Grupo coral Dante Alighieri, G.F.I. Valsugana e o grupo Anima Dantis.	34
Imagem 10 – G.F.I Valsugana I (2014) - Traje: Siciliano - Coreografia: U chiovu.....	34
Imagem 11 – G.F.I Valsugana II (2014) - Traje: Messina - Coreografia: Tarantella Giurgintana.....	34
Imagem 12 – G.F.I Valsugana apresentação no V Encuentro de Bailarines Del Mercosul. (2016) - Traje: Peloritano - Coreografia: Passo a 7	35
Imagem 13 – G.F.I Valsugana... Se preparando para ir ao “V Encuentro de Bailarines Del Mercosul.” (2016).....	35
Imagem 14 – G.F.I Valsugana na festa das Etnias em 2014 - Traje: Veneto - Coreografia: Barcelona pozzo di gotto	36
Imagem 15 – G.F.I Valsugana no CocalFest (2014) - Traje: Calábria – Mar	36
Imagem 16 – G.F.I Valsugana no 17º Unesc em Dança (2016).....	37
Imagem 17 – Dona Sirege (Presidente do grupo) e Suelen (2016) - Traje: Peloritano - Argentina – Campo Viera.....	38
Imagem 18 – Darlan, Mariane Macan e Suelen, após o almoço organizado pelo grupo. (2016).....	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GFI Valsugana	Grupo Folclórico Italiano Valsugana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
STS – Colegião	Escola de Educação Básica Eng ^o Sebastião Toledo dos Santos
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, acrônimo de United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU!	11
2 METODOLOGIA	16
3 A CULTURA E A ARTE NA FORMAÇÃO DO SUJEITO	18
3.1 CULTURA MATERIAL E IMATERIAL	22
4 A CIDADE DE CRICIÚMA, AS ETNIAS E O GRUPO FOLCLÓRICO ITALIANO VALSUGANA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO	26
5 O ENSINO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A DANÇA	39
5.1 A DANÇA NA ESCOLA.....	41
6 ANÁLISE DE DADOS: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA PESQUISA SOBRE A LINGUAGEM DA DANÇA NA ESCOLA	46
7 PROJETO DE CURSO: A DANÇA FOLCLÓRICA ITALIANA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NO ENSINO DA ARTE	54
7.1 EMENTA	54
7.2 CARGA HORÁRIA	54
7.3 PÚBLICO-ALVO.....	54
7.4 JUSTIFICATIVA	54
7.5 OBJETIVOS	55
7.5.1 Objetivo Geral	55
7.5.2 Objetivos Específicos	55
7.6 METODOLOGIA.....	56
7.7 REFERÊNCIAS.....	56
8 CONSIDERAÇÕES	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES	62
APÊNDICE A – Questionário para os professores.....	63
APÊNDICE B – Autorização para uso de imagem, fala e escrita.....	66
ANEXOS	67
ANEXO A – Folder sobre o Grupo Folclórico	68
ANEXO B Traje Napolitano	69
ANEXO C – Praça do Congresso. Criciúma – Santa Catarina.....	71
ANEXO D - Praça do Congresso. Criciúma – Santa Catarina.....	72
ANEXO E – Catedral São José. Criciúma – Santa Catarina	73

ANEXO F – “Amor, Arte e Tradição!”	74
ANEXO G – Passeio pelo Jardim Botânico, Curitiba - Paraná	75
ANEXO H – Desfile	76
ANEXO I – Café Colonial. Local: Primeira Linha, Criciúma – Santa Catarina	77
ANEXO J – Hotel Termas. Gravatal – Santa Catarina	78
ANEXO K – “V Encuentro de Bailarines del Mercosur”. Campo Viera – Argentina...79	
ANEXO L - III Jornada Tecnológica e Científica, do Instituto Maximiliano Gaidzinski. Cocal do Sul, SC	80
ANEXO M – 16º UNESC em Dança. Teatro Elias Angeloni. Criciúma – SC.....	81
ANEXO N - Festa de Mascaras da Universidade de Maringá.....	82

1 INTRODUÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU!

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

(Jorge Larrosa, 2002)

Desde criança gostava muito de dançar, lembro que ia para frente de casa em uma pequena área e imaginava que estava dançando em um grande palco. Essa área era elevada, lembrando um palco, onde a sensação de estar apresentando uma “coreografia”² era praticamente real (na imaginação de uma criança). Lembro que tinha a sensação de estar nas nuvens.

Com o passar dos anos, essa vontade de dançar foi sendo ofuscada pela timidez. Quando tinha uns 10 anos, minha mãe quis me colocar em uma aula de ballet, porém não quis, por conta da vergonha.

Adorava quando o professor de Educação Física dizia que tínhamos que preparar uma quadrilha³ para apresentar na festa junina da escola, apesar da vergonha em ter que dançar com um amigo ou amiga, ao mesmo tempo me sentia liberta, leve ao estar apresentando no palco, era um misto de emoções.

Depois que concluí o ensino fundamental, não tivemos mais apresentações em festas, ou mesmo para os próprios colegas de classe, assim o meu gosto pela dança ficou estagnada, esquecida no tempo, somente nos sonhos e pensamentos.

No ano de 2009 quando estava no segundo ano do Curso do Magistério, na Escola de Educação Básica Engenheiro Sebastião Toledo dos Santos - STS, conhecido como Colegião, os professores nos fizeram uma proposta para fazer uma apresentação para o ensino fundamental. O grupo a qual participei, escolheu a música “Show da Vida”⁴, da abertura do programa da rede Globo Fantástico. Preparamo-nos e realizamos uma coreografia para apresentar somente para as turmas do Magistério, no salão de teatro da escola. Assim aconteceu, fizemos a apresentação, todos muitos empolgados, em seguida nos informaram que as turmas

² Opto em destacar alguns termos entre aspas durante o texto para evidenciar seu significado.

³ “A quadrilha é uma dança tradicional das festas juninas que ocorrem no mês de junho no Brasil. Ela é uma dança coletiva, que conta com a participação de vários casais vestidos com roupas caipiras. A dança é embalada ao som de músicas instrumentais típicas do interior do Brasil.” Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/quadrilha_junina.htm> Acesso dia 16/08/2016 às 15h 41.

⁴ Vídeo **Show da Vida**, da abertura do Fantástico do ano 1973, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fnp6wMmmuvs>> Acesso dia 31/08/2016 às 14h57.

do terceiro ano iriam após o intervalo nos assistir e realizamos a atuação pela segunda vez. Foi perfeito, lembro que evitava olhar para o público, mas adorei estar naquele lugar e com tantas pessoas aplaudindo.

Essa é uma pequena parte da minha história com a dança antes de conhecer o Grupo Folclórico Italiano (GFI) Valsugana⁵ em 2009, onde a minha vida mudou. Apesar de eu gostar muito de dançar, sempre fui uma menina com poucos amigos, cabisbaixa, evitando ao máximo ter contato com as pessoas e no ano de 2012 sai do GFI Valsugana por motivos pessoais e da religião⁶.

Quando iniciei o curso de Artes Visuais (Licenciatura) na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC em 2013, embora cultivasse a vontade em voltar dançar com o Valsugana, optei por um momento, ficar sem ter o contato com o grupo, por motivos pessoais. Na primeira fase a professora Edina Regina Baumer, na disciplina Introdução a Diferentes Linguagens Artísticas nos propôs a descrever: “minha experiência em arte”, e me fez relembrar todos os momentos maravilhosos que passei com o grupo. E em janeiro de 2014 voltei para onde não deveria ter saído. Não me arrependo de ter saído, pois fez com que eu respeitasse muito mais o grupo, não só pelas apresentações, e trajes, mas sim pela sua história, seus dançarinos, suas lutas e derrotas, choros e alegrias. Um grupo que se reergueu quando muitos achavam que iria terminar e atualmente está cada vez mais firme e fortalecido, representando a cultura Italiana de nossa cidade.

Outro contato com a dança foi também no Curso de Artes Visuais, quando na terceira fase, na disciplina de Linguagem Teatral e Educação, com o professor Marcelo Feldhaus que nos propôs elaborar uma dança-teatro⁷, onde deveríamos fazer uma coreografia de no máximo três minutos, inserindo um elemento, que no nosso caso foi um elástico, com tempo de preparo de uma semana. No primeiro momento levei um choque, pois a apresentação era solo, ou seja, individual. Lembro

⁵ Conheci o GFI Valsugana em setembro de 2009, através de uma amiga que participava do grupo a praticamente dois anos. Contarei mais sobre esse meu encontro com o grupo no decorrer da pesquisa.

⁶ Particpei de um grupo chamado *Aliança de Misericórdia*, da igreja Católica Apostólica Romana no ano de 2012 e 2013. Comecei a me envolver muito com esse grupo, onde acabava não tendo tempo para outras coisas que estavam ao meu redor e que gostava.

⁷ “[...] a dança-teatro é um resultado cênico que valoriza o processo de construção, ao mesmo tempo em que o desnuda; assume o teatro, mas para criticar certas formas de teatro (o realista, por exemplo); reconhece-se como dança, mas deixa pistas suficientes para que se possa traduzir a dança como teatro” (MARFUZ, 1999, p. 36 apud SILVA, 2010, p. 2); Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vicongresso/pesquisadanca/Eliana%20Rodrigues%20Silva%20-%20Olhar%20Dan%20E7a%20teatro.pdf>> Acesso dia 08/08/2016 às 15h58.

que fiquei sem reação, mas enquanto o professor ia explicando fiquei pensando em algo que eu poderia apresentar. Decidi apresentar a dança da sombra, a coreografia ocorreu atrás de um tecido, com uma luz atrás do dançarino refletindo a sombra da silhueta sobre o tecido. Utilizei a música: *Let It Go – Vivald’s Winter – (The Piano Guys)*⁸. Minha apresentação teve como tema “Livre eu Sou”. Até hoje lembro a sensação que tive ao apresentar esse trabalho, foi maravilhoso, me surpreendi. Amei!

Segundo Bondía (2002, p. 21) “As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras.” Essas palavras são lutas, perseverança, desespero, choro, alegria, alívio e muitos sentimentos que se passaram e passam durante a nossa vida. E com a dança conseguimos também nos expressar, principalmente o que não conseguimos dizer com algumas palavras.

É nesse viés que com o decorrer do Curso aproximo-me de forma mais reflexiva e inteira com a dança pensando suas relações com as artes visuais. Diante disso proponho como problematização desta investigação: como a dança folclórica italiana está inserida no ensino da Arte em diferentes níveis da educação básica das escolas municipais de Criciúma?

A pesquisa relaciona-se com a minha história com o GFI Valsugana, que me faz querer conhecer essa essência da cultura Italiana enraizada em Criciúma, e o que pode transformar a vida das pessoas que acompanham o grupo, não somente com os dançarinos, mas com as escolas, pais, com os profissionais da educação, com os alunos que frequentemente tem contato com as apresentações. Muitas vezes paro e penso em como levar essa linguagem artística para dentro da sala de aula.

Minha pesquisa está intitulada como: “Cultura regional em debate: o grupo de dança folclórica italiana Valsugana e as possíveis interlocuções nas aulas de Arte da rede municipal de Criciúma - SC”. Propõe como objetivo geral: investigar como a dança folclórica italiana está inserida no ensino da Arte em diferentes níveis da educação básica nas escolas municipais de Criciúma. Aponto também os específicos: registrar como os professores contemplam a cultura regional na sala de aula, por meio do questionário; analisar como a dança folclórica está inserida no

⁸ Música retirada do YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6Dakd7ElgBE>> Acesso dia 18/08/2016 às 23h59.

Ensino da Arte nas escolas municipais; conhecer a história da colonização de Criciúma; conhecer o grupo Folclórico Italiano Valsugana e a sua história.

O problema que norteia a investigação é: como a dança folclórica italiana está inserida no Ensino da Arte na Educação Básica nas escolas municipais de Criciúma?

As questões que se desdobraram da problematização desenham-se em: a dança é contemplada no currículo de ensino da Arte no município? Os professores de Artes das escolas municipais conhecem os grupos folclóricos da região? Os professores de Artes contemplam a cultura regional em suas aulas? O professor tem dificuldade em apresentar esse assunto (dança folclórica) para os alunos? Por quê? Estas são algumas perguntas que serão refletidas durante o percurso de estudo e escrita dessa pesquisa.

Reflico sobre a rica cultura que ela traz, pois não é somente uma dança, carrega em si uma rica história envolvendo cada coreografia, movimento, cada traje, cada música. Isso também se estende quando pensamos nas outras danças, como Hip Hop, ballet, samba, mas também as que envolvem uma determinada população, como a cultura indígena, africana, alemã, polonesa, árabe, portuguesa, além de outras miscigenações de cultura presentes em nossa cidade e região.

Além de eu gostar muito da dança, outro motivo que me levou a pesquisar esse assunto é minha descendência italiana, já que meu bisavô materno veio da Itália. Não tive a oportunidade de conviver com parte de minha família materna, uma vez que minha mãe foi adotada por uma família cricumense, ainda na infância, fato que me distanciou da convivência dos meus bisavós. Ainda assim, sempre cultivei o apreço pelas questões da cultura italiana, e também de outras etnias.

Com esse convívio e experiências fui criando curiosidades, paixões sobre essa cultura, e como ela foi e está inserida em nossa cidade. Pergunto-me também como os professores abordam esse tema na sala de aula, já que desde 2008, quando iniciei o curso de magistério no STS – Colegião, raramente ouvi comentários sobre algum assunto de cultura da nossa cidade, ou sobre nossos colonizadores. Nas minhas aulas do Ensino Fundamental e Médio não me recordo dos professores explicarem sobre esse assunto, salvo alguns conteúdos específicos de História, porém algo que não me marcou.

Neste viés a pesquisa propõe 08 capítulos. Logo após a introdução apresento a metodologia, que apresenta o percurso do objeto dessa pesquisa. No

capítulo 03, discorro sobre o conceito sobre cultura e a formação do sujeito, contemplando a diversidade cultural, identidade cultural e destaco que a cultura está sempre em transformação. Neste mesmo capítulo proponho uma seção que reflete sobre a cultura material e imaterial. Faço referência a cidade de Criciúma a partir de um diálogo teórico com Linton (1981), Laraia (2006), Silva (2014), Hall (2005), dentre outros autores contemplado no capítulo.

No capítulo 04, faço uma retomada da história da colonização de Criciúma, dando ênfase a colonização italiana, pois parte de meu objeto de pesquisa é retomar a história e as contribuições do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, para a cidade intercambiando-o ao ensino da arte.

Já no capítulo 05, apresento uma discussão sobre o ensino da arte e as suas relações com a dança. Autores como Strazzacappa (2006), Marques (2007), Garcia e Haas (2003), Morandi (2006), são destacados no texto.

No capítulo 06 proponho a análise de dados dos questionários aplicados com as professoras de Arte das escolas municipais de Criciúma, fundamentando com autores como Honorato (2008), Bondía (2002), Morandi (2006), LDB, dentre outros. Na sequência descrevo a proposta de curso atendendo as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Finalizo com as considerações finais, onde relato sobre a minha experiência com essa pesquisa, abordando o que me proporcionou, e os apontamentos relativos ao resultado obtido na pesquisa de campo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa, originalmente, é uma inquietação, uma busca perene, uma insatisfação em se contentar com as respostas disponíveis para compreender o mundo, que é inacabado e, portanto, perene de perguntas.

(MOREIRA, 2008, p. 13)

Início esta escrita com a citação da Janine Moreira, pois essa pesquisa surgiu com uma inquietação que se relaciona com a minha história com a dança e seus reflexos no Ensino da Arte. Considero relevante também que o leitor conheça mais sobre a colonização da cidade, sua cultura e possibilidades de propor e discutir a cultura regional na escola, em especial o tema da dança folclórica italiana, objetivo de investigação dessa pesquisa.

Com toda certeza não caminhamos sozinhos, além dos amigos que tenho dentro do grupo (onde alguns, por vontade própria estudam sobre o tema), apoio-me também em referenciais específicos, que me auxiliam nessa experiência de investigação.

De acordo com Demo (2011, p. 39) “pesquisar, assim, é sempre também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si, e de si para o outro, dentro de contexto comunicativo.” Acredito também que a pesquisa oportuniza o acesso a novos conhecimentos, sejam eles de fontes escritas ou de memória viva que conta, sente e constrói novas histórias. Nessa direção “encontramos, então, o processo criador. Criar é ser autor. É se apropriar do criado e criar algo diverso. E a criação torna-se mais favorecida quando uma pessoa se coloca em contato com múltiplas linguagens.” (MOREIRA, 2008, p. 17).

A pesquisa sobre arte na educação é aquela que o pesquisador estuda sobre aquela determinada obra e/ou artista, procedimentos e concepções de ensino, teorias e processos artísticos. De acordo com Leite (2008, p. 30), a “Pesquisa sobre arte é aquela que é feita por pesquisadores, tendo como produto final um texto, e que se assemelha muito, metodologicamente, a outras pesquisas na área de ciências humanas e sociais.”.

De acordo com os meus objetivos e com as questões norteadoras propostas na investigação, proponho a pesquisa de campo com a aplicação de questionários para os professores de Artes das escolas municipais. De acordo com

os estudos e sua natureza essa pesquisa é qualitativa e exploratória, pois a qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31), e também:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Gil (2008, p.41) corrobora sobre o caráter exploratório no sentido que vem

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. [...] aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições. [...] Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Em se tratando da aplicação dos questionários, de acordo com Gil (2008, p. 114) “[...] questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisador” (GIL, 2008, p. 114) respeitando sua autoria e uso de fala, escrita e imagem.

Foram entrevistadas três professoras atuantes na disciplina de Arte da rede municipal de Criciúma, tendo como fio condutor estabelecer reflexões sobre a presença ou ausência da dança folclórica italiana, ou outras manifestações da cultura regional nas aulas de arte.

Olhando para esta direção proponho a seguir uma discussão que trata sobre a cultura e a arte na formação do sujeito, onde procuro refletir sobre como a cultura faz parte de nossa vida desde o momento que nascemos.

3 A CULTURA E A ARTE NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

[...] que nenhum indivíduo pode, em qualquer, conhecer intimamente o conteúdo total da cultura da sociedade a que pertence. Mesmo nas mais simples cultura este conteúdo é demasiadamente rico para que em um único espírito possa aprendê-lo no seu todo.

(LINTON, 1981)

Inicio esse texto com a citação do Ralph Linton (1981), que nos faz refletir sobre a nossa própria cultura, essa que estamos vivendo, que não a conhecemos completamente, nem sabemos defini-la integralmente. Laraia (2006, p. 80) completa dizendo que “A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada, nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”.

Laraia (2005, p. 37) nos traz uma pequena reflexão para podermos compreender melhor sobre a cultura,

Para se manter vivo, independente do sistema cultural ao qual pertença, ele tem que satisfazer um número determinado de funções vitais, como a alimentação, o sono, a respiração, a atividade sexual etc. Mas, embora estas funções sejam comuns a toda humanidade, a maneira de satisfazê-la varia de uma cultura para outra. É esta grande variedade na operação de um número tão pequeno de funções que faz com que o homem seja considerado um ser predominante cultural (LARAIA, 2006, p. 37).

As pessoas que fazem parte do seu estado, do país e até mesmo as cidades tem a sua própria cultura, que pode ser influenciada por várias razões (e esses lugares podem ter múltiplas culturas). Uma delas é das pessoas que saem da sua cidade e/ou estado e/ou país de origem e resolve morar em outro lugar interagindo com novos usos e costumes, novos simbolismos e equipamentos culturais. Linton (1981, p. 271) apresenta uma reflexão destacando que “Quando um elemento novo se apresenta em qualquer sociedade, sua aceitação definitiva é sempre precedida de um período de experiência, durante o qual o novo e o antigo traço competem entre si”.

Com toda essa mudança de cultura acontece também a adaptação, onde essa família, ou esse sujeito, procura se adaptar a sua nova cidade sem esquecer a sua origem, de seus aprendizados, da sua cultura.

A cultura está sempre em transformação, pois de tempos em tempos é influenciada por novas maneiras de pensar, de agir, já que o ser humano também está em desenvolvimento. De acordo com Laraia (2006, p.101):

[...] Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo do porvir.

Outra situação importante sobre a cultura é “o fato que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural.” (LARAIA, 2006, p. 72). Sempre agindo indiferente com a outra cultura, pensando que a própria cultura é melhor que as demais – a qual é definida como Etnocentrismo⁹. Essa visão do etnocentrismo muitas vezes se fortalece pelo sujeito não ter conhecimento das diversas culturas que existem ao nosso redor, mesmo que um determinado modo de vida não se encaixa na sua, não significa que esse grupo não tenha cultura. Onde há sujeitos e modos de vida há cultura.

Inicialmente precisamos reconhecer a nossa própria cultura e conhecer outras culturas, o modo de viver, ampliando nossa visão de mundo, compreendendo os usos e costumes como ações humanas que constroem histórias.

Mas, e se trouxermos um bebê de outro país para o Brasil? O que aconteceria com a sua cultura? Laraia (2006, p. 17) descreve que se levamos uma criança sueca

[...] para o Brasil logo após o seu nascimento, [...] e a colocarmos sob os cuidados de uma família sertaneja, ela crescerá como tal e não se diferencia mentalmente em nada do seu irmão de criação. Ou ainda, se retiramos uma criança xinguaná de seu meio e a educamos como filha de uma família de alta classe média de Ipanema, o mesmo acontecerá, ela terá as mesmas oportunidades de desenvolvimento que seus novos irmãos.

⁹ Etnocentrismo é um preconceito que cada sociedade ou cada cultura produz, ao mesmo tempo que procura incutir, em seus membros, normas e valores peculiares. Se sua maneira de ser e proceder é a certa, então as outras estão erradas, e as sociedades que as adotam constituem “aberrações”. Assim o etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade [...] Disponível em: <http://www.unicap.br/Pe_Paulo/documentos/etnocentrismo.pdf> Acesso dia 03/12/2016 às 10h52.

A cultura é aquela em que vivemos e aprendemos a conviver em comunidade, pois não estamos sozinhos nesse meio cultural, e ainda precisamos respeitar e sermos respeitados pelas pessoas que nos rodeiam. Laraia (2006, p. 19) complementa dizendo que

O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação¹⁰. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas na decorrência de uma educação diferenciada.

A cultura permite a vida em sociedade, por meio do compartilhamento de códigos. Na cultura que vivemos na chamada contemporaneidade podemos dizer que ainda tem diferença entre o menino e a menina, que os dois não têm nada em comum, me refiro ao modo de agir, de se vestir, de se comunicar. Ao estar na rede social, na internet, compartilharam o site Huffpost Brasil¹¹ com uma foto de um menino com vestido (Imagem 01), e onde relatam um depoimento de uma mãe por ver seu filho sendo julgado e excluído na escola (tanto pelos professores, colegas e seus pais) por ter uma mochila que combina com a sua personalidade, com desenhos de Cupcakes, corações, gatinhos e arco-íris brilhante. Por uma pessoa usar uma roupa diferente do seu sexo, causa um rebuliço em uma sociedade que fecha os olhos para o LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), para a população indígena, africana e demais composições culturais. A mãe do pequeno menino em seu depoimento descreve:

O dia em que associariam as tendências efeminadas do meu filho com homossexualidade, sendo que a sexualidade nem sequer está no radar dele. O dia em que usariam a palavra "gay" como o xingamento definitivo - um meio de intimidação, uma tentativa de emascular, humilhar, destruir outro ser humano que não se conforma a estereótipos de gênero; uma

¹⁰ Endoculturação significa interiorização, assimilação, apropriação, absorção, aprendizagem. É um processo social que se inicia na infância mediado pela família, pelos amigos, posteriormente, a partir da escola, da religião, do clube, do trabalho, do partido político e de tantos outros grupos sociais. A endoculturação acontece de forma sistemática, quando se dá através de mecanismos e instituições que se utilizam de metodologias formais para a transmissão do conhecimento e de forma assistemática, quando os indivíduos adquirem o conhecimento a partir da experiência do cotidiano, sem que haja uma demarcação formal dos ensinamentos. (ASSIS; NEPOMUCENO, 2008, p. 03) Disponível em: < http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Estudos_Contemporaneos_Cultura/Est_C_C_A08_J_GR_260508.pdf> Acesso dia 03/12/2016 às 10h57.

¹¹ Huffpost Brasil, depoimento O que acontece quando o seu filho é chamado de 'gay' na quarta-serie. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/martie-sirois/quando-seu-filho-e-chamad_1_b_10757104.html> Acesso dia 11/09/2016 às 12h41.

maneira de comunicar desgosto, nojo e intolerância¹².

Imagem 01 – Menino com vestido



Fonte: Huffpost Brasil

Infelizmente ainda observamos esses preconceitos perante os sujeitos, atreladas as suas orientações sexuais ou escolhas e modos de vida que diferem dos que acreditamos ser corretos. “A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.” (LARAIA, 2006, p. 67). A identidade é notada pela diferença.

As pessoas fazem parte de diferentes grupos sociais, como grupo de igrejas, de bairros, etnias, afinidades, tribos, homens, mulheres, professores, entre outros. A identidade vai se formando perante todos esses convívios, assim como a sua história de vida, a história da sua família, da comunidade onde vive, enfim, tudo o que está ao seu alcance influencia na construção da identidade.

A identidade está sempre em desenvolvimento, de acordo com Silva (2014, p. 96):

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato

¹² Idem.

performativo.(SILVA, 2014, p.96)

A identidade cultural nos revela quem somos e de que grupo pertencemos, se tenho um convívio com uma família que adora reunir amigos no final de semana em sua casa, estão sempre rodeados por familiares e amigos, dificilmente irei me adaptar a uma família que tem o seu final de semana mais reservado, somente entre eles. “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.” (HALL, 2005, p. 48) e ainda complementa,

Para dizer de uma forma mais simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2005, p. 59).

Vivemos dentro de uma grande cultura, que é subdividido em regiões, comunidades, família e por fim a própria identidade cultural. Uma interligada a outra, uma se construindo e reconstruindo com a outra.

3.1 CULTURA MATERIAL E IMATERIAL

Dentro da cultura existem várias ramificações entre elas a cultura imaterial e a material. São direitos culturais que o sujeito e/ou a comunidade tem perante a cultura da sociedade em que se faz presente, desde a produção a uma memória histórica. Tudo isso reflete que o cidadão está envolvido direta ou indiretamente na cultura de sua cidade, estado, país.

A cultura material podemos dizer que está sempre presente na vida do ser humano, desde o momento em que nascemos até a nossa morte.

“A cultura material é tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independentemente do tempo ou mesmo do espaço” (FUNARI; CARVALHO, 2009, p. 04). Ela é compreendida como vestígios daquilo que os homens constroem, e a partir desses vestígios é considerado como provas concretas de quem já passou por aquele determinado local, a cultura que foi enraizada naquele momento. E também compreendida como uma documentação palpável, para estudo e fins.

O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original (BHABHA, 1998, p. 21).

Dentro da nossa cidade temos alguns exemplos de cultura material:

Protegidos pela Lei 3700, de 14/10/1998, Criciúma tem atualmente 14 bens tombados: Mina Modelo Caetano Sônego; Casa Associação Bellunesi Nel Mondo; Capela de São Brás; Capela de São Roque; Capela São Sebastião; Casa Vô Justi; Casa Londres; Museu Histórico e Geográfico Augusto Casagrande; Centro Cultural Jorge Zanatta/ antigo prédio do DNPM; Gruta N.S. da Lourdes; Igreja N.S. Salete (desenho arquitetônico); Ponte de Ferro São Roque; Cruz Igreja São Paulo Apóstolo. A partir da legislação, foi realizado inventário que definiu outros bens sobre os quais foi iniciado o processo de tombamento, inclusive paisagístico. Foram, também, realizadas restaurações e intervenções em imóveis já tombados. (CRICIÚMA, 2011a, p. 04).

Todos esses patrimônios culturais da nossa cidade fazem parte da nossa história, conseqüentemente da nossa cultura. Cada um nos revela uma parte de como Criciúma foi construída, constituída. E tudo isso é muito importante, por isso que temos que ter muito cuidado com a nossa cidade, com a nossa história, mas infelizmente existem pessoas que não sabem o real valor que esses patrimônios possuem, não digo somente em questão ao valor em dinheiro, mas em valor histórico, simbólico.

A cultura imaterial é algo mais complexo, que está inserido normalmente entre as famílias, grupos, festas... São aquelas habilidades manuais, as crenças, mitos, o modo de ser, os saberes e as práticas de um determinado povo. São considerados também os conhecimentos enraizados na comunidade, a música, festas que marcam a vivência do grande grupo. Normalmente isso acontece em festas religiosas, além dos encontros nos parques, mercados, e em demais espaços onde se concentram diversas pessoas para reproduzir e compartilhar as práticas culturais.

Criciúma mantém por 28 anos a Festa das Etnias, inicialmente criada e denominada de Quermesse. A presença do termo etnias é bastante recorrente nos grupos folclóricos da cidade, monumentos, estabelecimentos comerciais e praças públicas. Pensando nesse termo,

“Etnia” ou “grupo étnico” designa um grupo social que se diferencia de outros por sua especificidade cultural. Atualmente o conceito de etnia estende-se as todas minorias que mantém modos de ser distintos e formações que se distinguem da cultura dominante. Assim, os pertences a uma etnia partilham da mesma visão de mundo, de uma organização social própria, apresentam manifestações culturais que lhe são características (BRASIL, 1997, p.132).

O site da UNESCO¹³ (A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, acrônimo de United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) nos apresenta que “O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes”. Ou seja, de vó para netos, quantas histórias que nossa vó já nos contou, e muitas vezes a ignoramos, passando despercebido. Ou ainda, os rituais festivos, procissões, festas populares que marcam a história das comunidades, podem também ser entendidos como patrimônio imaterial.

A cultura imaterial nos permite ter uma continuidade da nossa história, mas ao mesmo tempo ela acaba sendo vulnerável, pois está sempre em transformação, se multiplicando, ficando assim somente as histórias que nossas avós sempre contam.

Cultura imaterial em Criciúma, considerado como patrimônio, temos as “[...] festas religiosas como São José e Santa Bárbara/Dia do Mineiro; o Carnaval, a Festa das Etnias e o Festival Internacional de Corais (Lei 2954/94) protegidos por leis específicas, o que garante sua perpetuação.” (CRICIÚMA, 2011, p. 04). Em Criciúma também encontramos famílias de descendência italiana onde se reúnem uma vez por mês, para compartilharem e brincarem conforme a sua cultura de origem, italiana, principalmente jogando “Mora¹⁴”. Ou famílias que nos contam histórias sobre a nossa cidade, de como os pais eram rígidos, que os filhos(as) não podiam casar com o/a pretendente de outra etnia...

¹³ UNESCO. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso dia 05/10/2016 às 15h40.

¹⁴ Mora: O jogo é conhecido pelos gritos e exaltação dos participantes. Além disso, o barulho feito pelas mãos na mesa e os números falados em italiano chamam a atenção e fazem da Mora um esporte inconfundível. [...] O ideal é ser jogado por quatro participantes. A partida é de 20 pontos e o objetivo principal é acertar o número de dedos que os jogadores colocam na mesa. Soma correta equivale a um ponto ganho. Além dos jogadores, o contador de pontos da partida também é uma peça fundamental, já que os pontos são contados também nos dedos, o que exige muita atenção e raciocínio rápido do juiz. Disponível em: <<http://www.jvanguardia.com.br/site2012/2009/07/09/o-jogo-de-mora-ajuda-na-preservacao-da-cultura/>> Acesso dia 04/10/2016 às 14h09

Segundo o site da UNESCO¹⁵ “para algumas pessoas, especialmente as minorias étnicas e os povos indígenas, o patrimônio imaterial é uma fonte de identidade e carrega a sua própria história”. E continua nos relatando que:

Além das gravações, registros e arquivos, a UNESCO considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio imaterial é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo-o e transmitindo-o. Assim, a Organização estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas (artistas, artesãos etc.) que encarnam, no grau máximo, as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material¹⁶.

Somente a partir de histórias, de registros fotográficos, gravações, arquivos que iremos conhecer o nosso passado, compreender a nossa cultura. Podemos conhecer um pouco também através da dança, dos grupos folclóricos que tem em nossa região. Esses grupos trazem um pouco da história através de seus movimentos e trajes típicos, é o que propõe o texto seguinte.

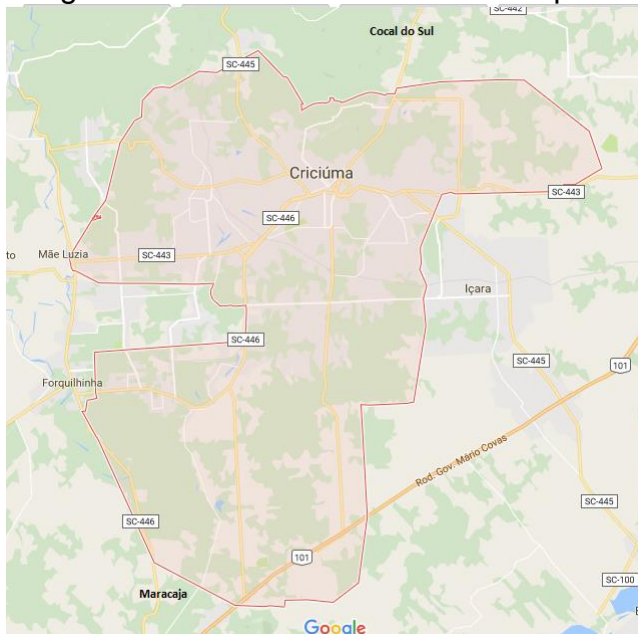
¹⁵ **UNESCO**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso dia 05/10/2016 às 15h49.

¹⁶ Idem.

4 A CIDADE DE CRICIÚMA, AS ETNIAS E O GRUPO FOLCLÓRICO ITALIANO VALSUGANA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Criciúma, a minha bela cidade natal, onde nasci e cresci e que aprendi a conhecer mais profundamente a partir da realização dessa pesquisa. O município está localizado ao sul de Santa Catarina, a 200 km da capital Florianópolis. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹⁷, em 2015, Criciúma tem uma área territorial de 235,701 Km² e aproximadamente 209.153 habitantes (2016) conforme destacam as imagens 02 e 03:

Imagem 02 – Vista territorial do Município de Criciúma



Fonte: Google Maps

Imagem 03 – Vista aérea do centro da cidade de Criciúma



Fonte: Google Maps

¹⁷ IBGE - Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420460>> Acesso dia 18/10/2016 às 16h01.

Em 1880, data da chegada dos primeiros italianos descendentes em Criciúma, que na época ainda pertencia a Araranguá encontraram aqui povos indígenas que habitavam a região. Em 04 de novembro de 1925 o governador em exercício cel. Pereira e Oliveira, sancionou a lei nº 1.516, criando o município de Cresciuma e a comarca de Urussanga. (NASPOLINI FILHO, 2007).

Criciúma era denominada Cresciuma, nome originado de um capim que era utilizado pelos antepassados de nossa região para alimentar os seus animais, cavalos e o gado. De acordo com Naspolini Filho (2007, p. 36), “era um banhado coberto de uma taquarinha chamada ‘Crixiuma’. [...] E o nosso centro acabou tomando o nome de *Crixiuma* que derivou para Cresciuma. Colônia São José de Cresciuma”. Esse mesmo banhado cortava um rio, hoje conhecido como o rio Criciúma.

Existem outros pesquisadores que trazem formas diferentes sobre a origem, definição da palavra Criciúma Um deles é Campos (18/07/1955).

Vejamos, agora, quão diferente na forma é a palavra original. É **Kyruy-Syiuâ**, [...] ou **Quirey-Çy-uâ**, conforme se deduz das raízes apresentadas pelo mestre indiscutível, que é o padre Ruiz de Motoya. Analisados esses termos, assim os traduzimos: **Kyruy** – delicado, tenro; **Syi** - liso; **Uâ** – a haste, a vara. Portanto, vara lisa e delicada. (CRICIÚMA, 1974, p. 11).

Podemos observar que foram diferentes grafias sobre o nome de nossa cidade, com a sua originalidade na língua indígena tupi, povo importante na constituição de nossa cidade que muitas vezes é banido dos livros e tradições locais.

Foco na cultura italiana uma vez que o objetivo da minha pesquisa é um grupo folclórico que cultivava as danças dessa etnia, porém ressalto que a composição cultural de nossa cidade conta historicamente com a presença de índios, negros, poloneses, alemães, árabes, portugueses, espanhóis e italianos.

Os italianos saíram de suas terras para procurar um lugar melhor para viver, onde tivessem mais liberdade para plantar, colher, criar seus filhos com mais tranquilidade, pois na sua cidade natal estavam passando por muitas dificuldades. Então, em 1879 em torno de 1.400 passageiros (alemães e italianos) embarcaram em um navio a vapor, cujo nome era *Krouprinz Friedrich Willem* (navio da Alemanha). Esse grupo de pessoas viajou aproximadamente por 36 dias. Chegaram no dia 16 de dezembro de 1879, na Ilha de Flores, no estado do Rio de Janeiro,

após cumprirem algumas exigências alfandegárias e de imigração a família italiana pegou outro navio a vapor, onde o próximo destino era o Desterro, o que hoje conhecemos como Florianópolis. (NASPOLINI FILHO, 2007).

Mas, a viagem não acabou por aí, após passar a noite em uma hospedaria de imigrantes, algumas famílias planejaram fazer uma viagem até ao porto de Laguna (município localizado a 124 km ao sul da capital de Florianópolis), em um veleiro. Após chegarem a Laguna partiram a pé, em carroças e lombo de cavalos até Urussanga, pois já havia famílias italianas que tinham imigrados a dois anos antes. Chegaram no mês de dezembro, no dia das festividades natalinas.

De Urussanga 22 famílias decidiram fazer mais uma caminhada até Criciúma, chegaram no dia 06 de janeiro de 1880, onde comemoramos o dia dos Reis Magos no calendário católico. Ao todo foram 22 famílias que chegaram a Criciúma, ou seja, 145 italianos.

Quanta dificuldade! Aqui cabe uma pequena reflexão sobre os intocáveis sacrifícios vividos por aquelas mulheres, homens e crianças que, jogados à sorte, neste local onde temos plantada hoje a nossa cidade, enfrentaram todo tipo de problema para construir nosso futuro. Pensemos, por exemplo, na saudade que aquela gente sentiu dos parentes, dos amigos, dos costumes da velha Itália, [...] tendo escolhido vir colonizar a nossa terra, foram condenados a viver no meio do mato, disputando espaço com muitas feras e alguns índios. (NASPOLINI FILHO, 2007, p. 34).

Uma pequena reflexão sobre essas famílias que imigraram para o Brasil, não somente os italianos, mas também os alemães, poloneses, os portugueses... Com certeza não foi muito fácil tomar a decisão de sair da sua terra natal, separarem-se de suas famílias e amigos para enfrentar dias e dias no mar e/ou em terra, caminhando ou de carroça, ou quem sabe de cavalo, chegando ao lugar desconhecido e com pessoas que nunca viram na vida, falando outro idioma, sem saber o que realmente iriam encontrar no final da jornada.

Hoje estamos aqui, em uma cidade bem desenvolvida, diversificada, com muita história e cultura para nos oferecer e nos ensinar. Temos em nossa cidade alguns museus que demonstram um pouco da história desses povos, como o Museu Histórico Augusto Casagrande e o Museu Casa Agente Ferroviário.

Além da colonização italiana em 1880, vieram também os poloneses em 1890 com 15 famílias, os alemães em 1911. Então a comunidade ficou assim: italianos na região conhecida atualmente como Quarta Linha, poloneses na Linha

Batista e os alemães em Forquilha. Atualmente essas composições são híbridas e miscigenação de culturas é presente em todas as regiões da cidade e municípios vizinhos.

O Grupo Folclórico Italiano Valsugana¹⁸, nasceu de um belo sonho de um homem chamado Carlos Alberto de Araújo Ferreira, que viveu por quatro anos na Itália, conhecendo e vivendo a cultura daquele país. Voltando para o Brasil e com o sonho cada vez mais forte em formar um grupo na nossa cidade, percebeu que no lugar onde trabalhava como professor de História, na Escola de Educação Básica Joaquim Ramos, os alunos eram em sua maioria de descendência italiana. Após algumas reuniões com as professoras Ilza e Elizabeta, a diretora (da época) Maria do Carmo Mendes Benedet, propôs uma reunião com algumas professoras e alunos para conversar sobre poder formar um grupo folclórico de dança italiana, com o objetivo de evidenciar a cultura dos pais desses alunos, propondo interlocuções com o ensino, “a formação de um grupo de dança folclórica italiana iria proporcionar a preservação dos valores culturais de nossos imigrantes italianos”¹⁹ Nascia aí o Grupo Italiano Escola Básica Joaquim Ramos.

Em junho de 1987, em uma assembleia comentando sobre o grupo com o Padre Vincenzo Lumetta²⁰, que ficou muito feliz por estar iniciando um grupo de dança italiana na escola, sugeriu um novo nome para o grupo: Valsugana, que se refere a um vale do Alto Ádige, em Trentino, Itália.

No dia 02 de junho de 1987 o Grupo passou a ser denominado: Grupo Folclórico Italiano Valsugana. São 29 anos de trajetória “com muitas histórias para contar, estamos na luta até hoje” destaca Sirege Maria Freitas, presidente do grupo.

O grupo foi fundado dentro da escola, onde passou a ser uma atividade extracurricular, com passar dos anos o grupo passou a ser uma entidade e possuir um CNPJ, e deixou de fazer parte da escola, mas continuamos a levar o seu nome em todas as apresentações, e os ensaios continua nas dependências.

¹⁸ Os dados sobre o Grupo Folclórico Italiano Valsugana foram obtidos através de uma entrevista com a presidente do grupo Sirege Maria Freitas, com o ensaiador e vice-presidente Daniel Francisco Freitas e a secretária Milene Venson, memórias vivas do grupo. Além dos depoimentos conto também com alguns documentos que fazem parte do acervo do grupo.

¹⁹ Vania Maria, secretária da escola Joaquim Ramos. Essa citação foi retirada da Ata do Grupo Folclórico Italiano Valsugana.

²⁰ Padre Vincenzo Lumetta, sacerdote siciliano nascido em 1957, com mais de vinte anos de experiência de missão no Brasil, ele dirigiu "o Bairro da Juventude" Rogacionistas. Viveu os seus dois primeiros anos no Brasil aqui na cidade de Criciúma - SC. Disponível em: <<http://italiacatarinense.com.br/?q=node/385>> Acesso dia 31/10/2016 às 16h

Hoje o objetivo do grupo, no qual também faço parte desde 2009, é a produção de espetáculos de danças folclóricas, tendo como finalidade evidenciar essa cultura dos colonizadores italianos, trabalhando com crianças e adultos, promovendo o contato com a linguagem da dança.

As músicas e as coreografias que o grupo desenvolve tomam como referência pesquisa de movimentos e composições coreográficas disponibilizadas no canal Youtube e outras plataformas digitais tendo como pressuposto os grupos italianos, com seus movimentos que remetam a cultura italiana articuladas a realidade local do grupo e seus bailarinos. As coreografias com direitos autorais contam com autorização de seus coreógrafos para que o grupo Valsugana possa apresentá-las.

Há algum tempo o grupo conseguiu trazer um dançarino e coreógrafo siciliano, diretamente da Itália. Dario Danile participa do grupo “Città Dei Templi”²¹, O objetivo de sua vinda foi intercambiar culturas e realizar ensaios técnicos com as coreografias novas cedidas por ele, tomando como referência sua experiência na Itália. Ele veio para aperfeiçoar e ensinar as técnicas de dança ao grupo. Atualmente (2016) temos coreografias originais e aperfeiçoado pelos coreógrafos e professores da Itália. Nas imagens da pagina seguinte mostramos a chegada dele no Brasil (Imagem 04), onde alguns dançarinos se dispuseram a preparar a sua chegada, e na imagem seguinte (imagem 05) uma foto dos ensaios promovidos pelo coreógrafo Dário.

²¹ Il gruppo folklorico Città dei Templi è stato costituito nel 1990 per conservare, rinverdire e diffondere le tradizioni, le abitudini lavorative, [...] (A Cidade de grupo folclórico Templos foi formada em 1990 para preservar, recuperar e divulgar as tradições, hábitos de trabalho [...] - Tradução pelo Google tradutor) Rede social do grupo Città Dei Templi, disponível em: <<https://www.facebook.com/extrinacria/>> Acesso dia 27/10/2016 às 13h03

Imagem 04 – Chegada do Dário no Aeroporto Internacional Salgado Filho – Porto Alegre, com as dançarinas do grupo Valsugana, Jessica Possamai e Kérelis da Rosa



Fonte: Fanpage do Grupo Valsugana

Imagem 05 – Ensaio com o Dário no teatro Elias Angeloni



Fonte: Arquivo do dançarino Daniel

O grupo conta também com coreografias cedidas pelos outros grupos da Itália como o grupo Canterine Peloritani, Val d'akragas, Citta di Agrigento, Antico Chiaramonte di Favara, Gruppo Folk Belvedere di Aragona, esses são alguns grupos sicilianos, especificamente da parte da Sicilia-Itália.

Contamos ainda com a Funiculli-Funiculla, (imagem 06) uma coreografia concebida por Juliano Honorato (ex-dançarino do grupo) natural de Criciúma, que realizou muitas pesquisas de movimento para criar essa coreografia, que é apresentada até a presente data.

Imagem 06 – Apresentação no ano de 2005 – Traje: Veneto – Coreografia: Funiculli-funiculla



Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana

Como o grupo não tem nenhum apoio financeiro dos órgãos públicos da cidade e região, para sua manutenção são organizados almoços, jantas, ações entre amigos, captação de recursos via editais de fomento a cultura na perspectiva de manter o grupo em atividade.

O grupo participou do FestFolk em Blumenau por alguns anos. O FestFolk²²

[...] é o encontro da nossa brasilidade, da valorização da cultura e da identidade de nosso país. Criado em 1998 é oferecido gratuitamente em diversos espaços como praças, entidades e no Parque Vila Germânica. Em média, são mais de 60 apresentações de grupos folclóricos de diversos estados do Brasil, para um público estimado de 30.000 pessoas. Sem sombra de dúvidas, o evento representa um imenso painel das etnias espalhadas por esta terra chamada Brasil.

Mas, infelizmente esses encontros das culturas étnicas em Blumenau não acontecem mais. A última participação do grupo nessa festa foi no ano de 2010, destacadas nas imagens 07 e 08.

²² FESTFOLK. Disponível em: >> <http://www.blumenau.sc.gov.br/governo/fundacao-cultural/pagina/programas-projetos-fcblu/festfolk-fcblu> << Acesso dia 25/10/2016 às 14h13.

Imagem 07 – Apresentação no 9º Festfolk (2007) - Traje: Siciliano



Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana

Imagem 08 – Desfile no Festfolk (2010) - Traje: Siciliano



Fonte: Arquivo pessoal

Em 2014 o grupo foi para Curitiba–Paraná, onde participamos de um espetáculo chamado “Amor, Arte, Tradição!”, organizado pelo folclorista e diretor de palco Luis Fernando do Grupo Folclórico Italiano Anima Dantis²³. Esse espetáculo foi composto por três apresentações, o coral Dante Alighieri e o grupo Anima Dantis, ambos de Curitiba, e nós o Valsugana de Criciúma (imagens 09, 10 e 11). Teve como objetivo mostrar ao público de Curitiba características do folclore italiano.

²³ Grupo Folclórico Italiano Anima Dantis é o mais antigo do Brasil, tem 53 anos de muitas lutas e histórias, Anima Dantis é uma palavra em latim, que significa Alma de Dante.

Imagem 09 – Amor, Arte, Tradição! (2014) - Grupo coral Dante Alighieri, G.F.I. Valsugana e o grupo Anima Dantis.



Fonte: Fotografia de Kely Kachimareck

Imagem 10 – G.F.I Valsugana I (2014) - Traje: Siciliano - Coreografia: U chiovu



Fonte: Fotografia de Kely Kachimareck

Imagem 11 – G.F.I Valsugana II (2014) - Traje: Messina - Coreografia: Tarantella Giurgintana



Fonte: Fotografia de Kely Kachimareck

Nesse ano de 2016 o grupo conseguiu se organizar e ir para Campo Vieira – Argentina. O grupo foi convidado para participar do “V Encuentro de

Bailarines Del Mercosur”, primeira viagem internacional, onde participaram 28 dançarinos (imagens 12 e 13). A viagem foi organizada e custeada a partir de promoções sociais do grupo.

Imagem 12 – G.F.I Valsugana apresentação no V Encuentro de Bailarines Del Mercosul. (2016) - Traje: Peloritano - Coreografia: Passo a 7



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 13 – G.F.I Valsugana... Se preparando para ir ao “V Encuentro de Bailarines Del Mercosul.” (2016)



Fonte: Arquivo pessoal

O grupo também já participou de vários festivais pelo Brasil, que inclui os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e no Espírito Santo. Nesses festivais o grupo vai somente para participar, não participa de competições folclóricas. Recebemos ainda inúmeros convites para festivais internacionais, como na Turquia,

em Portugal, Republica Tcheca, inclusive para a Itália, só não participa por falta de incentivo público ou outro.

Na cidade de Criciúma e região o grupo recebe convite para se apresentar em muitas festas organizadas pela comunidade, como festas de igrejas, de escolas (imagem 14). Participa do Unesc em Dança (imagem 16) como grupo convidado e também participava da Festa das Etnias, conhecida festa da cidade de Criciúma (imagem 15).

Imagem 14 – G.F.I Valsugana no CocalFest (2014) - Traje: Calábria – Mar



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 15 – G.F.I Valsugana na festa das Etnias em 2014 - Traje: Veneto - Coreografia: Barcelona pozzo di gotto



Fonte: Tudoehfesta.com

Imagem 16 – G.F.I Valsugana no 17º Unesc em Dança (2016)
Traje: Peloritano - Coreografia: Sciu Sciu Sciu



Fonte: 17º Unesc em Dança

Quem participa de algum grupo sabe como é prazeroso viver nesse meio, em contato com várias pessoas que trazem em si diferentes culturas, valores e conhecimentos. Os dançarinos se “transformam” quando fazem parte de um determinado grupo, pois com a união de todos faz com que você cresça, aprenda a se conhecer melhor, exercita a resiliência, promove encontros, sabores e dissabores, nos faz amadurecer. Há relatos neste grupo que os pais dos bailarinos destacam que foi a melhor coisa que surgiu na vida de seus filhos, pois em pouco tempo mudam sua postura, suas relações, sua forma de ver e estar no mundo, qualificam o rendimento escolar, dentre outros aspectos.

E no meu caso, em particular, muita coisa mudou, o grupo Valsugana me fez erguer a cabeça e seguir em frente, hoje eu digo que é a minha segunda família, aqueles que me ajudam, aconselham, escutam, repreendem quando necessário (imagens 17 e 18).

Imagem 17 – Dona Sirege (Presidente do grupo) e Suelen (2016) - Traje: Peloritano - Argentina – Campo Viera



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 18 – Darlan, Mariane Macan e Suelen, após o almoço organizado pelo grupo. (2016)



Fonte: Arquivo pessoal

Os ensaios do grupo acontecem todos os sábados a partir das 14h30, até as 18h30, na dependência da Escola de Educação Básica Joaquim Ramos localizada no bairro Michel em Criciúma. Para poder participar do grupo basta comparecer no ensaio e conversar com a presidente. No momento de realização desta pesquisa o grupo contava bailarinos de 13 anos a 33 anos. Basta você gostar de dançar para poder participar dos ensaios. Em anexo algumas imagens do Grupo Folclórico Italiano Valsugana.

5 O ENSINO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A DANÇA

A dança desenvolve noções rítmicas, mas a música também. A dança amplia as noções espaciais da criança e do adolescente, situando-os no tempo e no espaço e desenvolvendo sua expressão corporal, mas o teatro também. A dança preocupa-se com a educação estética, mas as artes plásticas também. A dança proporciona o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade, mas isso todas as linguagens artísticas proporcionam... Então, afinal, o que é exclusivo da dança?

(STRAZZACAPPA, 2006, p. 17)

Início esse capítulo com essa citação da Márcia Strazzacappa (2006), que nos faz refletir sobre a dança, o que ela proporciona ao dançarino. A dança está dentro da linguagem da Arte, e essa Arte nos movimenta, sensibiliza, promove experiência, faz refletir, nos transmite e atribui significados daquilo que se deseja. Quando desenhamos, cantamos, dançamos, visitamos alguns museus, cinema, teatro ou interpretamos nos modificamos e nos construímos.

A dança nos proporciona experimentar diversas possibilidades, e muitas delas podem ser descobertas em nosso corpo, o próprio corpo. A cultura do movimento é uma linguagem de expressão com códigos e signos específicos, através dos quais podemos expressar a nossa cultura, a nossa identidade cultural, e também a compreender outras culturas.

Por meio dos movimentos corporais podemos desenhar e compor no espaço-tempo, com cada desenho coreográfico da dança. Afinal, o que pode o corpo?

De acordo com a Strazzacappa (2006, p. 39) “O corpo é para o artista cênico o veículo de comunicação entre a obra de arte e o público, é a ponte entre o palco e a plateia.” O artista cênico é aquele que representa, não importa a linguagem que propõe, seja dança, no teatro ou em uma performance, ele está utilizando o seu corpo para apresentar uma ação que reflete imaginários coletivos, culturas, experiências estéticas, como também na pintura, escultura, fotografia.

O dançarino precisa reconhecer a potência de criação de seu corpo, saber quais os movimentos ele suporta sempre acompanhado de uma boa preparação física e consciência corporal. Para poder atuar, precisa estar confiante

com o seu corpo, se você não confiar nele poderá não fazer uma boa apresentação, me refiro ao que foi planejado, principalmente quando for mais de uma pessoa, apresentações em grupo, pois um depende do outro.

Vianna (2005, p. 51) diz que “o aprendizado exige um tempo e esse tempo precisa ser consciente. É claro, no entanto, que existem as individualidades – e o professor existe para reconhecê-los -, e esse tempo varia em cada um”. Cada ser tem o seu tempo de conhecimento, conhecimento de si, do seu eu, do seu corpo, da sua limitação, não podemos lutar contra algo que é muito maior que a gente, temos que aprender com ela, e aos poucos vencendo, aprendendo.

No que diz respeito ao movimento em si, essencial para que a dança se realize, Laban nos ensinou que é por meio da percepção, da experimentação e da análise em nossos corpos do quê, onde, de como e com quem / o quê o movimento acontece que podemos também criar, transformar e compreender a dança. A relação do movimento com os outros aspectos da dança faz com que ela se transforme em arte, pois estamos criando relações simbólicas e significativas entre aquele que interpreta o movimento e o meio. (MARQUES, 2007, p. 29).

Em relação à arte Marques (2007, p. 44) nos relata que

A arte, e portanto a dança, sempre pertence / é gerada em um tempo e em um espaço definidos e, portanto, mesmo que a intenção explícita do coreógrafo não seja desvelar, problematizar e / ou discutir os aspectos sócio-político-culturais de sua criação, eles fazem parte da produção artística. Deste modo, conhecer as danças de povos, regiões e épocas diferentes permite um trabalho artístico-educativo voltado para o diálogo verbal e corporal com culturas distintas da nossa. (MARQUES, 2007, p. 44).

A dança folclórica étnica é baseada em algum período ou cultura diferente do que estamos vivendo, onde precisamos compreender pelo menos a história básica do contexto pesquisado para assim poder atuar, dançar.

O termo folclore tem em seu significado a “ciência das tradições e usos populares; conjunto das tradições, lendas ou crenças populares de um país expressas em danças, provérbios, contos ou canções; cultura popular de um povo”²⁴ ou seja, dança folclórica é a representação de uma determinada cultura.

Já a palavra étnica tem como significado:

“Étnica” ou “étnico” são palavras derivada de etnia, derivada, por sua vez, do grego 'ethnos' e que é usada para definir um povo com certos costumes, língua, raça e assim por diante. Diferentemente de 'raça', esta palavra não

²⁴ Significado da palavra folclore retirado do dicionário Aurélio online. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/folclore>> Acesso dia 28/10/2016 às 23h22.

está associada a cor, por exemplo, ou a algum fator ou característica biológica.²⁵

Com a junção das palavras entende-se como um grupo que resgata costumes de uma determinada região estabelecendo novas leituras de movimentos, usos e costumes. O folclore, de acordo com Garcia e Haas, é “transmitida de geração a geração, é uma das formas de dança mais antiga” e continuam, “a principal característica dessa dança é a integração, socialização, prazer, divertimento, respeito aos costumes e tradições” (GARCIA; HAAS, 2003, p. 121).

Participar de um determinado grupo folclórico é levar essa cultura para os que desejam apreciar, prestigiar a dança folclórica e conhecer tradições de outros povos, ou mesmo reconhecer-se em suas tradições.

Portanto, não estamos nos referindo a um ‘resgate’ que nos transporta para o passado de forma acrítica e sem possibilidade de transformação. Estamos, sim, falando de conhecimento, vivência e, eventualmente, de recriação de valores, costumes e crenças que sejam significativos para nossas vivências de corpo, tempo e espaço na coletividade da sociedade contemporânea. [...] mas de perceber e de conviver com essas transformações, identificando para nós mesmos quais valores e atitudes queremos e podemos adotar para uma convivência cooperativa entre identidade nacional e cidadania global. (MARQUES, 2007, p. 45).

O importante é que reconhecemos os povos que fizeram e fazem parte da nossa cidade, da nossa cultura, e que identificamos esses valores ao observar uma apresentação, ou quando estamos participando da mesma. E quando o professor vai falar sobre a dança folclórica é muito importante fazer uma boa pesquisa sobre os grupos e da etnia.

5.1 A DANÇA NA ESCOLA

Trago uma reflexão da Morandi (2006, p. 78) que diz:

Na história do ensino da arte no Brasil, podemos perceber a pouca participação da dança como conteúdo específico no âmbito da educação escolar. A dança nunca esteve incluída no currículo escolar como prática obrigatória. Sua presença esteve relacionada principalmente às festividades escolares e/ou se deu na forma de atividade recreativas e lúdicas, não com o intuito de promover o seu ensino, mas como um instrumento para atingir os conteúdos de outras áreas.

²⁵ Significado da palavra Étnica. Disponível em: < <http://www.afilosofia.com.br/post/etnica-e-seu-significado/606>> Acesso dia 28/10/2016 às 23h29

Podemos observar que a dança dentro da sala de aula por muito tempo foi utilizada como um recurso, um complemento para o outro assunto, tanto na disciplina de Artes como nas outras matérias.

A dança na escola muitas vezes é aplicada como uma atividade extracurricular, ou um complemento para algum assunto abordado em sala, dificilmente vimos algum professor de Artes contemplar em suas aulas especificamente a dança como linguagem, mais difícil ainda é percebermos a presença da dança folclórica, e a dança étnica de sua cultura. As aulas de danças muitas vezes acontecem na disciplina de Educação Física.

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2014, p. 99):

A Arte é um artefato da cultura humana, das relações que o sujeito estabelece com o contexto, com os outros sujeitos que convivem com ele, tanto quanto com ele mesmo. A educação em Arte está, pois, ligada à história das culturas da humanidade.

Como vimos nos capítulos anteriores é muito importante saber sobre a nossa história, sobre a nossa cultura. Neste viés a Proposta Curricular de Santa Catarina destaca que “Na dança é possível estudar diversas manifestações para se pensar a Arte como artefato histórico e cultural.” (SANTA CATARINA, 2014, p. 100). Ao apresentar a linguagem da dança nas aulas de artes o aluno compreenderá seus códigos e signos específicos. Desenvolverá seu potencial criativo articulando a consciência corporal, a cultura do movimento.

Enquanto professora de Artes Visuais não tenho formação em dança, porém é importante estabelecer interlocuções com grupos de dança, profissionais que atuam na área tanto no que se refere a participar de formação continuada envolvendo a linguagem, frequentar mostras e espetáculos de dança e promover experiências na escola, vinculadas a discussões sobre o corpo, o corpo na dança, a imagem do corpo e suas visualidades. Compreendo que

A formação do sujeito a partir do contato com artefatos de diferentes culturas possibilita o conhecimento relacional de si próprio, a vivência de diferenças, a potencialização do senso crítico, a reflexão sobre o sentido de pertencimento, além do conhecimento de novas culturas e história de outros povos. (SANTA CATARINA, 2014, p. 102).

As danças que acontecem nas escolas culturalmente são em boa parte nos momentos que tem interação entre escola, família e a comunidade, onde são preparadas algumas coreografias, uma apresentação para os dias dos pais, dia das mães, festa junina, festividades natalinas, entre outras. Com isso os professores envolvidos acabam tendo o papel de coreógrafos, para dar conta dessas festas.

[...] o fato de esses professores assumirem tais papéis e, ao contrário de permitirem a 'construção' do conhecimento em dança, gerarem apenas a sua 'reprodução'. Na verdade, eles são incapazes de dialogar e de ouvir, de trocar e de construir com seus alunos esse conhecimento, que vai muito além da dança. A construção do conhecimento em dança envolveria muito mais do que a simples reprodução de movimentos predeterminados, em que se valorizam a exatidão e a perfeição dos gestos; ela envolveria uma apropriação reflexiva, consciente e transformadora do movimento. (MORANDI, 2006, p. 74).

A dança nas escolas não está tendo o seu devido papel, que é se (re) descobrir, se expressar através do movimento, propiciar ao corpo que dança uma percepção desses movimentos corporais, construir um corpo potente, consciente, expressivo.

De acordo com Morandi (2006, p. 73 apud SCARPATO, 2001, p.59):

A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torna-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em varias linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e aprendendo a pensar em termos de movimento.

O professor tem que ter a consciência que cada aluno tem o seu próprio repertório de dança, e de ritmo, e que as suas escolhas pessoais pelo movimento irá refletir na sua coreografia, em sua dança, nos seus movimentos corporais. Então para que as aulas de danças sejam significativas precisamos levar em consideração o meio em que os alunos vivem. O professor tem que compreender a cultura individual de seus alunos, o meio em que eles estão inseridos, para assim dar inicio a linguagem da dança, fazendo conexões com outros movimentos, ritmos musicais, outras visualidades, imagens e experiências.

[...] O ensino da dança na escola não deve fixar-se na formação de futuros bailarinos, mas se relacionar imediatamente com a vida dos alunos, como parte integrante da educação dos indivíduos. Deve ajudá-lo a tomar

consciência de suas potencialidades, aumentando sua capacidade de resposta e sua habilidade para se comunicarem (MORANDI, 2006, p. 73).

Trazendo a realidade dos alunos para dentro da sala de aula, pode ampliar o seu repertório de uma forma prazerosa, sem ser simplesmente algo cansativo, chato, aprendem brincando, se divertindo. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1998, 71) o professor é,

Encarregada não de reproduzir, mas de instrumentalizar e de construir conhecimento em dança e por meio da dança com seus alunos, a escola pode proporcionar parâmetros para a apropriação crítica, consciente e transformadora dos seus conteúdos específicos.

Temos as leis que dizem que “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” No paragrafo 06 complementa, “as artes visuais, a dança, a musica e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o §2º deste artigo” (BRASIL, 2016). Existem documentos que auxiliam os professores a abordarem esses assuntos em sala de aula, principalmente sobre as expressões regionais, o que tem ao redor de sua cidade. Em Criciúma, além de alguns grupos folclóricos tem aulas de outros tipos de danças que o professor poderá tirar a sua duvida sobre, ou até mesmo convidar o profissional para ir até a sua escola e fazer uma palestra, uma amostra de sua dança, Zamboni (2006, p. 51) destaca que a “Pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano”. Nesse sentido é fundamental que o professor seja um eterno pesquisador!

Sobre os grupos folclóricos étnicos, podem estar levando os seus alunos até eles, nos seus ensaios, conversando com o presidente sobre essa visita e fazer um minicurso sobre a etnia escolhida. O professor tem muitas portas abertas basta procurar, conversar e agir.

Quando o professor tem um breve

Conhecimento da história da dança, portanto, também fornece parâmetros para que a criação dos alunos em sala de aula não seja etnocêntrica, racista e/ou sexista. Conhecendo as diversas contribuições de variados artistas em tempos e espaços diferentes, o aluno poderá perceber a multiplicidade de concepções de corpo, tempo e espaço dos diversos

movimentos artísticos, trabalhando-as e articulando-as a suas criações. (MARQUES, 2007, p. 47).

Os alunos começam a compreender o seu corpo e seus movimentos, e que com o corpo podemos fazer arte, que a dança é uma das linguagens da Arte.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1998, p. 73) a dança ajuda a “reforçar laços de amizade, trabalhar e conhecer o grupo, assim como conhecer a si próprios de outra maneira, dando importância à questão da autoestima”. Após conhecer o seu corpo a dança flui, seus movimentos ficam mais leves quando precisa mostrar leveza na dança, ou os movimentos mais bruscos, quando precisa mostrar força.

Com a dança podemos mostrar aquilo que muitas vezes não conseguimos com as palavras, com a escrita, com o desenho, mas podemos conseguir com o movimento, o olhar, a expressão do seu rosto. Passamos nossos sentimentos para aqueles que nos assistem através de alguns movimentos e olhares.

6 ANÁLISE DE DADOS: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA PESQUISA SOBRE A LINGUAGEM DA DANÇA NA ESCOLA

De acordo com o segundo capítulo, onde localizo a metodologia desta pesquisa proponho uma coleta de dados com pesquisa de campo como instrumento a aplicação de questionários e como referencia a seguinte problemática: como a dança folclórica italiana está inserida no Ensino da Arte na Educação Básica nas escolas municipais de Criciúma?

Inicialmente a pesquisa buscava ouvir e analisar a práxis de 08 professores, no entanto obtive retorno de somente três, amostragem que articula essa pesquisa.

Os nomes aqui citados são fictícios, nenhuma das três entrevistadas serão identificadas preservando suas identidades. As entrevistas aconteceram em três escolas da rede municipal de Criciúma localizadas no bairro Brasília, Quarta Linha e na Primeira Linha. Duas das entrevistadas (Francesca e Marietta) trabalham entre há 6 e 10 anos e Chiara tem menos de 6 anos de experiência. Todas com formação em Artes Visuais, (duas se formaram pela universidade UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense e a outra pela UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo Da Vinci) todas tem uma especialização em na área da educação, Chiara em educação em arte, Francesca em práticas interdisciplinares em arte educação e Marietta identificou somente como uma especialização em Educação. Todas as professoras entrevistadas trabalham com a turma entre 1º ao 5º e Chiara atua também na

Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: 1.a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço (BRASIL, 1996).

Na velocidade que as mudanças ocorrem na contemporaneidade, falar de formação é pensar em estudo continuado. Não nos basta somente a graduação, mas sim especialização, mestrado, cursos de aperfeiçoamento sempre vinculados a nossa área de formação e ao sistema educacional.

Andar pelo mundo e prestar atenção nele, podendo significá-lo para então assumir um papel de professor sujeito, aquele que se preocupa com sua formação científica e estética, aquele que percebe o mundo em suas relações e que busca no outro e em si mesmo a possibilidade do diálogo entre a escola, o professor, a criança. (HONORATO, 2008, p. 110).

Precisamos ser professores sensíveis, que abraçam sua formação com muito amor e comprometimento.

Realizei visitas às três escolas citadas a partir de uma agenda combinada anteriormente com as professoras. Vale ressaltar que as professoras foram designadas pela Coordenação de Artes Visuais da Secretária Municipal de Educação do município que está ciente da pesquisa e de acordo com seus desdobramentos.

O questionário foi preenchido na presença das professoras estabelecendo um importante diálogo para que eu pudesse perceber suas reações, anseios, dizeres e fazeres com as questões propostas. A primeira questão abordada foi relativa ao conceito de cultura. Neste aspecto, a professora Chiara destaca que: *“Para mim a cultura é o resultado de como o ser humano se comunica e vivencia em um determinado contexto, seja pela música, dança, artes plásticas, moda, comportamento e tradições.”* Marietta complementa: *“É o que difere um povo do outro.”* Já para Francesca são: *“Costumes, crenças, hábitos adquiridos pelas pessoas e repassados um para o outro.”*

Conforme já destacado no capítulo 03 desta pesquisa, a cultura e a arte na formação do sujeito o conceito de cultura antropológico é algo que se move. Os elementos citados pelas professoras participantes compõem o mapa cultural, porém não são estáticos e fechados em si mesmo. Segundo Hoebel e Frost (2007, p. 4) *“Cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são características dos membros de uma sociedade e não o resultado de herança biológica.”* A cultura não é passada através da genética e sim pelos costumes de onde vive.

A segunda pergunta envolveu as possíveis relações entre a cultura e a arte. Chiara destacou que existem relações e exemplifica quais: *“Sim. Através da dança, da música, das formas e das cores podemos e conseguimos diferenciar, apreciar e adquirir conhecimentos entre uma cultura e a outra.”* Marietta evidencia que: *“Cultura e arte são totalmente ligadas, seja nas diferenças entre regiões, na*

música, nos festejos, na comida, etc.” E Francesca: “Sim, através da arte conseguimos identificar as diferentes culturas.”

Com essas respostas conseguimos observar que as entrevistadas estabelecem relações entre a cultura e a arte e citam algumas linguagens artísticas, como a música, a dança, as formas e as cores, vinculadas as Artes Visuais.

Elisa Iop, mestre em Educação, traz em seu artigo a seguinte citação de Barbosa (1994):

[...] deve exercer o princípio democrático de acesso à informação de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais dos diferentes grupos. [...] a ideia de reforçar a herança artística e estética dos alunos com base em seu meio ambiente, [advertindo que] se não for bem concluída, pode criar guetos culturais e manter os grupos amarrados aos códigos de sua própria cultura sem possibilitar decodificação de outras culturas. (BARBOSA, 1994 apud IOP, 2000).

Os alunos têm que ter acesso à cultura diferente do que já são acostumados a viver, conhecer o outro.

A pergunta seguinte buscou saber se as professoras consideram a dança como uma linguagem da arte. Todas disseram que sim. Chiara comenta que: *“Pois tudo é ligado a sentimento, ideias e significados possuindo uma função estética criativa, eu considero arte e para mim a dança está associada a estas condições”* Marietta destacou que: *“Faz parte das linguagens artísticas. Considero como fazer arte com o próprio corpo”*. Francesca argumenta que: *“A dança contém sequencia de movimentos, ritmos que formam no espaço coreografias formando junto com a linguagem”*.

Podemos observar que elas consideram a dança como uma linguagem da Arte e que não é somente dançar, que podemos fazer a arte com o nosso próprio corpo como destaca Marietta. A autora Morandi (2006, p. 72) complementa quando escreve que, “a dança possibilita uma percepção e um aprendizado que somente são alcançados por meio do fazer-sentir que tem ligação direta com o corpo, que é a própria dança.”. É muito importante fazer com que o aluno sinta a arte em si, que os seus passos saiam de dentro para fora, e não apenas reproduza. Que tenha experiência. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (BONDÍA,

2002, p. 21). Experiência é aquela que vivemos e tocamos, precisamos fazer com que os nossos alunos vivenciem, experimentem.

Francesca nos destacou que a dança contém movimento e ritmo em um espaço da coreografia. A dança não é somente movimento e ritmo como vimos no capítulo 05. É muito mais que isso, ela proporciona ao dançarino um olhar sensível ao seu corpo, a sua vida promovendo experiências com o mundo.

Segui perguntando se elas contemplam os conteúdos que envolvam a linguagem da dança em suas aulas. Chiara destaca que *“Às vezes. Reconheço que preciso utilizar mais está linguagem, pois acredito que nós professores (de Arte) focamos somente nas artes visuais, deixando de lado as outras linguagens artísticas como a própria dança e a música”*. Marietta: *“Utilizo unindo dança e teatro e quando trabalho música automaticamente em alguns casos a dança complementa”*. Francesca: *“Sim, italiana, açoriana, afro, indígena”*.

Compreendo a dança como uma linguagem artística e não como ferramenta alusiva a datas comemorativas ou a montagens de coreografias escolares. Ela é linguagem, com especificidades próprias. Nestas falas percebemos que *“a dança ainda é vista como sinônimo de festividade. As festividades escolares acontecem com diferentes propósitos, mas nem sempre como resultado de um trabalho pedagógico da instituição.”* (MORANDI, 2006, p. 88).

É de suma importância termos professores habilitados nas quatro linguagens da arte: Artes Visuais, Dança, Teatro e Música. De acordo com a LDB, artigo 26, parágrafo 6: *“§ 6o As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2o deste artigo”*. (BRASIL, 1996).

Não precisa ser um cantor, para poder falar sobre música dentro da sala de aula, você precisa apenas saber o que essa linguagem contempla, para assim construir com os seus alunos, no mesmo caso é com a dança, não preciso ser uma dançarina profissional, apenas é necessário entender essa outra linguagem da arte, o que ela proporciona aos alunos, com muito cuidado em não impor algo e sim deixar que eles descubram, se envolvam com essa linguagem a partir da apreciação de imagens, vídeos frequentando mostras e espetáculos e promovendo a experiência com a dança na escola.

Estamos sendo formados em Artes Visuais, a qual é a linguagem que nos debruçaremos no ensino da arte, porém nada impede de nos aperfeiçoar em outras

linguagens, em deixar nossa bagagem mais diversificada. Em se tratando da educação infantil e do primeiro ao quinto ano, são crianças que lidam com o lúdico, a imaginação e o movimento de forma muito involuntária, criativa, livre de estereótipos. Um bom trabalho com as linguagens da arte, em especial com a dança nesta faixa etária contribuirá para a formação de adolescentes e adultos com menos amarras e arquétipos com o corpo e suas manifestações expressivas.

A pergunta seguinte abortou as possíveis relações entre as artes visuais e a dança, e quais seriam. Chiara destaca que: *“Sim. Desde as pinturas rupestres, passando por alguns artistas que representam esta linguagem em suas obras pictóricas como: Pablo Picasso, Henri Matisse”*. Marietta: *“Como disse anteriormente a dança está incluída nas linguagens artísticas fazendo do corpo um suporte.”*. Francesca: *“Sim, nos movimentos, nas coreografias, nas roupas”*.

Chiara associou a linguagem da dança, com a artes visuais, onde é possível trabalhar essas duas linguagens dentro da sala de aula, pois podemos associar alguns movimentos com a pintura. Henri Matisse tem uma obra que se chama “dança”, onde podemos observar o movimento de seus dançarinos no quadro, e porque não trazer para uma aula de dança o artista e suas obras? Precisamos envolver os alunos com a linguagem da dança fazendo com que eles criem, sejam autores da sua própria coreografia, fazendo-os refletir a cada movimento, e saber o que estão fazendo e produzindo. A autora Morandi (2006, p. 72) nos ajuda a compreender melhor o que a dança proporciona aos alunos. “É nesse sentido que a dança contribui na educação do ser humano, educando indivíduos capazes de criar pensando, críticos, e possibilitando uma compreensão de mundo de forma diferenciada.” Ressalto essas palavras: **“Indivíduos capazes de criar pensando”**²⁶, os alunos tem essa ansiedade de criar, de por seus sentimentos pra fora, e na dança como em outras linguagens da arte, eles podem extravasar esse sentimento que muitas vezes fica preso, lutando para sair.

Precisamos ter esse cuidado de não levar para sala de aula algo pronto, pois a dança precisa ser sentida, vivenciada, ter alguma importância para o aluno. Não é apenas dançar, temos que ter uma relação com o mundo a nossa volta, com a nossa cultura e com a cultura do outro. Precisamos ser sensíveis a experiência.

²⁶ Grifo meu.

Segui questionando quais os grupos folclóricos elas conheciam na cidade. Cada entrevistada destacou apenas um: o Italo-Brasileiro, Polonês e/ou Grupo Folclórico Italiano Vasulgana. Na nossa cidade existem pelo menos sete grupos folclóricos: o polonês (Grupo Folclórico Polonês Orzel Bialy – que se localiza na Linha Batista), o árabe (Grupo Luzes do Oriente – Centro), o português (Rancho Açoriano), Italiano (Grupo Folclórico Itálo Brasileiro de Criciúma – no bairro Primeira Linha), (Grupo Folclórico Italiano Valsugana – Bairro Michel), o grupo espanhol (da Viviane Candioto), do negro (Filhas do Olorun). E tem alguns grupos de municípios próximos, como exemplo o Immerfroh Volkstanzgruppe que se localiza em Forquilha; São vários grupos, e normalmente eles se encontram na festa da cidade, a Festa das Etnias.

Durante toda a minha pesquisa procurei ressaltar sobre a importância da nossa cultura, e contemplá-la ela em sala de aula. No capítulo 5, página 42, falo um pouco do artigo 26, parágrafo 2 da LDB que complementa a cultura regional, como conteúdos relevantes para o ensino da arte. É muito importante conhecermos a história da nossa cidade, como foi construída, as pessoas que aqui viveram e como viveram. De acordo com o autor Laraia (2005, p. 45) “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. Temos muitas histórias vividas antes da nossa, e buscar com os alunos sobre as gerações que passaram pela nossa cidade é fundamental para que consigamos ler o presente e pensar o futuro.

A pergunta seguinte destacou a existência ou não de incentivo da rede municipal no desenvolvimento de projetos que evidenciem a cultura italiana ou outras etnias que colonizaram a nossa cidade. As repostas foram as seguintes: Chiara: *“Sim. Temos as formações continuadas, neste ano participei de uma formação sobre cultura africana, realizada pela COPIRC – Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racional de Criciúma.* Marietta: *“Considero que por motivos de lei, digo, LDB, trabalhamos muito a etnia africana e eu em especial nunca trabalhei outra etnia”.* Francesca: *“Criciúma, pela rede não. Cada professor desenvolve a partir do que conhece”.*

É muito importante o professor buscar formações continuadas, frequentar espaços de arte e cultura, assistir alguns espetáculos de teatro e de dança,

conhecer a cultura da cidade. É significativo para a sua formação estar sempre se inovando, trocando experiências...

Conforme já mencionado na fundamentação teórica desta pesquisa, o professor precisa ser um eterno pesquisador, investir em sua formação continuada, lutar por melhores condições e investimentos do poder público em formações. Segundo a Prefeitura de Criciúma (2011b):

O Ensino da Arte em todos os níveis da educação e com a intenção de repensar e dar maior significado ao fazer docente, a Proposta Curricular do Município encontra-se embasada na perspectiva Histórico-Cultural de sociedade e de currículo sustentada na diversidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Ao reconhecermos que o ensino da Arte na rede municipal fundamenta-se nos pressupostos teóricos e filosóficos da Pedagogia Histórico Cultural é fundamental que as experiências propiciadas aos alunos contemplem os conhecimentos historicamente construídos para que haja a transformação da realidade com a produção de novos conhecimentos. A entrevistada Chiara participou de uma formação sobre a cultura africana, ela teve a iniciativa de se atualizar sobre esse tema, de saber mais. Como professores não podemos ficar esperando que caia em nossas mãos, temos que ir em busca daquilo que achamos mais importante para a nossa formação.

A última pergunta buscou saber se as professoras já haviam proposto ou participado de algum projeto contemplando a dança folclórica italiana nas suas aulas. Chiara relata que: *“Sim. Desenvolvi um trabalho com 2 (duas) turmas das séries iniciais (1º e 2º ano) onde realizaram plasticamente através do desenho a colonização dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina e antes de aplicar tal atividade explanei sobre esse fato e apresentei através de um vídeo uma apresentação do Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro de Nova Veneza.”* Marietta: *“Não, mas após este questionário irei fazer uma reflexão”*. Francesca: *“Sim, cultura italiana, açoriana, indígena e afro. Cultura italiana, com um projeto das diferentes culturas, dançamos a coreografia de uma música tradicional italiana, junto com comidas típicas”*.

Percebo que a pesquisa mobilizou a professora Marietta a refletir sobre o seu método de trabalho. Desvincula-se a linguagem da dança como conteúdo

curricular reduzindo-a a alguns passos sincronizados. Morandi (2006, p. 83), corrobora nesta reflexão,

Utilizada como atividade recreativa e lúdica, não havendo, por parte das escolas, a intenção de promover seu ensino, mas sim de utiliza-la como forma de distração e compensação, para as disciplinas intelectuais, ou de ilustração de conteúdos de outras áreas. Esse caráter instrumental da dança, da arte em geral, ainda permeia o universo escolar, principalmente no âmbito da educação infantil e das primeiras séries do ensino fundamental. É nesse campo que 'as atividades' com dança estão presentes para socializar, integrar, descontrair, desinibir, e tantas outras contribuições que a envolvem; dificilmente se assume que a importância da dança está contida nela mesma, de uma forma de conhecimento tão importante quanto a de outras áreas que também são capazes de socializar, integrar, descontrair, desinibir etc. (MORANDI, 2006, p. 83).

Com todas essas respostas percebo que precisamos repensar e aprofundar a presença da linguagem da dança na escola. Não podemos deixar que ela seja apenas um recurso, uma ferramenta ilustrativa, ela é uma linguagem artística e precisamos trabalhá-la em sala de aula, em suas especificidades.

O professor não precisa ser o melhor dançarino, precisa conhecer a dança, o que ela nos trás, o que ela desenvolve no ser humano, pois não precisamos preparar os alunos para o palco, e sim pra vida. "o professor não precisa vivenciar a dança profissionalmente, mas precisa dançar para compreender seus conteúdos, sua importância e sua expressão." (STRAZZACAPPA, 2001 apud MORANDI, 2006, p. 89).

O professor pesquisador é aquele que supera seus limites, que busca novas informações, professor é aquele que promove experiências, possibilita ampliação de repertório. Para ser artista, precisamos mergulhar perante a obra, não importa qual tipo de obra, seja ela dança, música ou visual.

E nesta direção que no capítulo seguinte, proponho uma proposta de curso, onde podemos articular a dança folclórica como uma linguagem da arte.

7 PROJETO DE CURSO: A DANÇA FOLCLÓRICA ITALIANA COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NO ENSINO DA ARTE

7.1 EMENTA

Apresentação de história de Criciúma e do Grupo Folclórico Italiano Valsugana. Possíveis relações entre dança e o ensino da Arte. Compreensão das simbologias existentes nos trajes e nas danças folclóricas italianas. Experiências com a dança folclórica italiana.

7.2 CARGA HORÁRIA

O curso terá a duração de 8h, com uma hora de intervalo para o almoço.

7.3 PÚBLICO-ALVO

Dançarinos do grupo folclórico italiano Valsugana, professores de Artes e demais pessoas interessadas em arte e cultura.

7.4 JUSTIFICATIVA

No decorrer desta pesquisa vim destacando a importância de conhecer a sua cultura ampliando nosso repertório com a cultura do outro. Ressalto a relevância de conhecermos a história de nossa cidade, do lugar de onde viemos, com o enfoque de levar a dança folclórica para dentro da sala de aula, como possibilidade pedagógica para composição do currículo de Artes, preservada as ressalvas nas especificidades da formação do professor. Com base nos questionários aplicados com as professoras de Artes das escolas municipais, proponho um curso que envolva em especial as professoras de Artes, os dançarinos do grupo envolvido e para os demais interessados.

Para esse curso pretendo trazer a história da colonização de Criciúma. Retomar essa história que muitas vezes está ficando esquecida, articulando-a aos povos que aqui já estavam presentes.

De acordo com Laraia (2005, p. 101) “[...] é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema”.

As etnias colonizadoras e aquelas que vieram para Criciúma deixaram as suas marcas, sua história. Hoje na nossa cidade temos alguns grupos folclóricos de dança que representam essas etnias a partir de um trabalho dedicado ao movimento, a troca e experiência com a dança. Marques (2007, p. 37) destaca que, “A linguagem da dança é uma área privilegiada para que possamos trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade.”

O foco do Curso propõe-se um mergulho no Grupo Folclórico Italiano Valsugana, um dos objetivos dessa pesquisa em que vivenciaremos contatos com as coreografias, trajes, história e possibilidades pedagógicas para propor a dança como linguagem nas escolas.

Fazer com que os professores reflitam sobre a dança como um conteúdo dentro da sala de aula, e não como apenas uma coreografia para ser ensaiada, é o que se propõe este projeto. Ressalto que o professor precisa compreender um pouco sobre a dança, não precisa necessariamente saber dançar, mas antes de falar sobre a dança em sala de aula, precisa entender que universo é esse e as possibilidades que pode trazer para dentro da escola, na vida de seu aluno.

7.5 OBJETIVOS

7.5.1 Objetivo Geral

(Re)conhecer a dança folclórica italiana como possibilidade didático pedagógica para as aulas de Artes.

7.5.2 Objetivos Específicos

- Contextualizar a história de Criciúma e do Grupo Folclórico Italiano Valsugana;
- Conhecer o significado e as simbologias dos trajes e das danças folclóricas italianas;
- Valorizar a dança folclórica étnica como um conteúdo do ensino da Arte;

- Vivenciar a dança folclórica italiana;

7.6 METODOLOGIA

Primeiro momento: Conversação sobre a história de Criciúma para compreender a existência dos grupos folclóricos na região.

Palestrante: Robson Martins de Oliveira

Duração da palestra: 1h

Segundo momento: História de como iniciou o Grupo Folclórico Italiano Valsugana.

Palestrante: Sirege Maria Freitas

Duração da palestra: 1h

Terceiro momento: Explicação sobre a simbologia dos trajes e das danças folclóricas italiana.

Palestrante: Kérelis da Rosa

Duração da palestra: 1h

Quarto momento: Relação da dança folclórica étnica como uma linguagem artística;

Palestrante: Suelen Guessi Mendes

Duração: 1h

Quinto momento: Experiência com a dança folclórica italiana;

Palestrante: Daniel Francisco Freitas

Duração: 4h

7.7 REFERÊNCIAS

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** Um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahor, 2006.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola.** São Paulo: Cortez, 2007.

8 CONSIDERAÇÕES

Inicialmente retorno a minha questão problema, a qual a me motivou a criar este percurso de aproximação com a pesquisa acadêmica quando me propus a investigar: “*como a dança folclórica italiana está inserida no Ensino da Arte na Educação Básica nas escolas municipais de Criciúma?*” Com essa inquietação fui a busca de muitos autores que contemplavam em seus livros e artigos questões relacionadas ao ensino da arte, das relações entre cultura e arte, expressões regionais e a dança enquanto linguagem da arte. Muito mais do que respostas findo esta pesquisa com várias reflexões e questionamentos que me impulsionam a continuar imersa neste tema que tanto me inquieta. Através dessa busca sobre em entender o que acontece com a nossa cultura local, como ela se compõe, pensar história dos Grupos Folclóricos da cidade, em especial do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, percebi o como é rica a nossa cultura local, e que muitas vezes ela não é reconhecida, historicizada nas escolas e em outros espaços formativos. Não defendo aqui a predominância de um regionalismo cultural, mas defendo que para conhecer a cultura do outro, compreende-la e respeita-lá é fundamental conhecermos a nossa composição cultural. A cultura é parte das memórias e histórias de um lugar.

Esse trabalho de conclusão de curso teve o seu início marcado com a minha volta para o Grupo Folclórico Italiano Valsugana em 2014, quando comecei a ter vontade em escrever a sua história, sua origem intercambiando-a as possibilidades didáticas pedagógicas das danças étnicas nas aulas de arte. Este trabalho é também um lugar que encontrei uma oportunidade para relatar e registrar um pouco da história do grupo, de seus quase 30 anos levando a cultura da dança italiana para aqueles que gostam de apreciar essa arte. Nesse trabalho tive também a oportunidade de questionar e como estar levando para dentro da sala de aula a dança folclórica.

Acredito que é importante ressaltar que normalmente o ensino da arte está sendo levado para a sala de aula somente uma linguagem: a visual, em alguns casos levam as outras linguagens para complementar e não como um conteúdo para ser explanado, mas sim como recurso, ferramenta. Importante destacar também a formação de professores habilitados nas diferentes linguagens

presentes no currículo escolar intercambiando saberes e promovendo o contato dos alunos com a arte e acultura.

Com essa pesquisa percebi como é importante conhecer a cultura a que pertencemos, sua história, para assim conhecer o outro, e compartilhar momentos. Não estamos sozinhos nesse mundo e temos muitas coisas para aprender com o próximo, com as outras culturas. Percebemos que a cultura não é fixa. Ela está em constante mudança.

O professor em suas aulas tem que ter um olhar bem sensível, pois vai lidar com muitas culturas individuais dentro de um ambiente, tentar fazer com que se respeitem e que aprenda um com o outro, uma questão de alteridade.

A dança é uma linguagem da Arte e com ela podemos nos expressar através dos movimentos corporais, e cada movimento terá um significado especial para o artista.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Cássia Lobão; NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Processos culturais: endoculturação e aculturação**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. – *Curso de Licenciatura em geografia –EaD “Estudos contemporâneos de cultura”*.

Disponível em: <

http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Estudos_Contemporaneos_Cultura/Est_C_C_A08_J_GR_260508.pdf>

Acesso dia 03/12/2016 às 10h57.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**.

Universidade de Barcelona, Espanha 2002. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 18/08/2016 às 20h02.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Presidência da República. **Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016**. Artigo 26, parágrafo 2. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm#art1>.

Acesso em 28/10/2016, às 15h48.

CRICIÚMA. Comissão Municipal de Turismo. **Criciúma: amor e trabalho**. Itajaí: Uirapuru, 1974.

_____. Fundação Cultural de Criciúma. **Plano Municipal de Cultura de Criciúma**. Criciúma, 2011a. Disponível em:

<www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/1382041891593PLANO-MUNICIPAL-E-PLANOS-MUNICIPAL-CRICIUMA.pdf/e4d23080-0068-4ab1-bac3-e4c651a4cf96>. Acesso em 26/09/2016, às 22h16.

_____. Secretaria de Educação. **Arte na Rede**. Criciúma, 2011b. Disponível em:

<www.criciuma.sc.gov.br/site/sistema/educacao/arte_na_rede-2>. Acesso em 08/11/2016, às 10h28.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio científico e educativo**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura material e patrimônio científico.in: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de astronomia e ciência Afins – MAST. – *Livro eletrônico* - p. 03-13. Disponível em: <[http://www.mast.br/livros/cultura_material_e_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia.p df](http://www.mast.br/livros/cultura_material_e_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia.pdf)> Acesso em 27/09/2016 às 19h15.

GARCIA, Ângela; HAAS, Aline Nogueira; **Ritmo e dança**. Canoas/RS. Editora da Ulbra, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL. Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – 11. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro.

HOEBEL, E. Adamson; FROST, Everett L. Antropologia: O estudo da humanidade. In: _____ **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 1 – 14.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Orgs). **Educação e arte: As linguagens artísticas na formação humana**. campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 109 – 118

IOP, Elisa. O multiculturalidade e o Ensino das Artes Visuais no Brasil. **Visão Global**, Joaçaba, v. 11, n. 2, p. 151-162, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/viewFile/499/240>> Acesso em 06/11/2016, às 17h20.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahor, 2006.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Orgs). **Educação e arte: As linguagens artísticas na formação humana**. campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 27 - 36.

LINTON, Ralph. **O homem: Uma introdução à antropologia**. 11ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981 – Tradução: Lavínia Vilela.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2007.

MORANDI, Carla. A dança e a educação do cidadão sensível. In: STRAZZACAPPA, Márcia (orgs). **Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 69-125.

MOREIRA, Janine. A ciência da universidade e a estética, a poesia, a sapiência da

vida: o lugar da pesquisa como criação. *In*: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Orgs). **Educação e arte**: As linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 11- 26.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **De Cresciúma a Criciúma**: 1880 – 1960. Criciúma: Ed. Do autor, 2007. V1

SANTA CATARINA, Governo do Estado. Secretária de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica – [S. l.]: [S. n.], 2014. Disponível em: <http://nela.cce.ufsc.br/files/2014/12/Proposta_Curricular-de-Santa-Catarina.pdf>. Acesso dia 01/11/2016 às 12h45.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cad. CEDES** [online]. 2001, vol.21, n.53, pp.57-68. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100004>>. Acesso em 08/11/2016, às 10h16

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: _____ (org.) HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73 – 102.


STRAZZACAPPA, Márcia. A dança e a formação do artista. *In*: _____ (org). **Entre a arte e a docência**: A formação do artista da dança. Campinas-SP: Papyrus, 2006. p. 09 – 67.

VIANNA, Klauss. **A dança**. São Paulo: Summus, 2005.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: Um paralelo entre arte e ciência. Campinas – SP: Autores Associados, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário para os professores

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
---	--

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado(a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados de meu Trabalho de Conclusão de Curso que tem como objetivo: *“Investigar como a dança folclórica italiana está inserida no Ensino da Arte em diferentes níveis da educação básica nas escolas municipais de Criciúma”*, sob responsabilidade da acadêmica pesquisadora Suelen Guessi Mendes, com orientação do Prof. Me. Marcelo Feldhaus do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos:

- a)** Você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;
- b)** Você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso;
- c)** Sua identidade será mantida em sigilo a partir do nome indicado no termo de autorização do uso de escrita, fala e imagem;
- d)** Caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Questionário:

01) Qual é a sua formação acadêmica?

- [] Graduação em _____
- [] Especialização em _____
- [] Mestrado em _____
- [] Doutorado em _____

02) Em qual Instituição você realizou a sua graduação?

03) Quanto tempo atua como professor(a) de Arte na rede municipal de Criciúma?

menos de 1 ano;

de 1 à 6 anos;

de 6 à 10 anos;

de 11 à 15 anos;

mais de 16 anos;

04) Com quais turmas você trabalha atualmente (2016)?

Educação Infantil

1º ao 5º ano;

6º ao 9º ano;

PROEJA;

Oficinas de Arte;

05) No momento em que escola você trabalha? Que bairro se localiza?

06) O que para você é conceito de cultura?

07) Para você existe relação entre cultura e a arte? Quais?

08) Você considera a dança uma linguagem da arte? Comente.

09) Costuma contemplar conteúdos que envolvam a linguagem da dança em suas aulas?


10) Você reconhece relações entre as artes visuais e a dança? Quais?

11) Você conhece os grupos folclóricos em nossa cidade? Quais?

12) A rede municipal incentiva o desenvolvimento de projetos que evidenciem a cultura italiana ou outras etnias que colonizaram a nossa cidade? Cite.

13) Já desenvolveu ou participou de algum projeto contemplando a dança folclórica italiana nas suas aulas? Relate.

APÊNDICE B – Autorização para uso de imagem, fala e escrita

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (nome) _____,
 (estado civil) _____, (profissão) _____,
 portador(a) da carteira de identidade nº (número) _____, expedida pelo
 (órgão expedidor) _____, inscrito(a) no CPF sob o nº
 (número) _____, residente e domiciliado(a) no (endereço),

_____ autorizo,
 de forma expressa, o uso e a reprodução de minha escrita, sem qualquer ônus, em
 favor da pesquisa da acadêmica **Suelen Guessi Mendes** do Curso de Artes Visuais
 (licenciatura) da UNESC sob orientação do Prof. Me. Marcelo Feldhaus para que o
 mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de
 Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem
 que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou
 a qualquer outro.

 Local e data:

 Assinatura:

Identificação na pesquisa:

- Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa:

ANEXOS

ANEXO A – Folder sobre o Grupo Folclórico



Traje: Norte da Itália



Traje: Napolitano

Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana

ANEXO B Traje Napolitano



Fonte: Arquivo do grupo Folclórico Italiano Valsugana, 2006.

ANEXO C – Praça do Congresso. Criciúma – Santa Catarina



Traje: Veneto

Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, 2007.

ANEXO D - Praça do Congresso. Criciúma – Santa Catarina



Traje: Siciliano

Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, 2007.

ANEXO E – Catedral São José. Criciúma – Santa Catarina



Traje: Messina

Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, 2014.

ANEXO F – “Amor, Arte e Tradição!”



Traje: Messina. Teatro Fernanda Montenegro, Curitiba – Paraná
Fonte: Fotografia de Kely Kachimareck, 2014.

ANEXO G – Passeio pelo Jardim Botânico, Curitiba - Paraná



Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, 2014.

ANEXO H – Desfile



Traje: Messina

Fonte: Arquivo do Grupo Folclórico Italiano Valsugana, 2014.

ANEXO I – Café Colonial. Local: Primeira Linha, Criciúma – Santa Catarina



Traje: Veneto

Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

ANEXO J – Hotel Termas. Gravatal – Santa Catarina



Traje: Siciliano.

Fonte: Dançarino Daniel Francisco Freitas, 2016

ANEXO K – “V Encuentro de Bailarines del Mercosur”. Campo Viera – Argentina.



Traje: Peloritano.

Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

ANEXO L - III Jornada Tecnológica e Científica, do Instituto Maximiliano Gaidzinski. Cocal do Sul, SC



Fonte: Dançarina Mariane Schardosim, 2016

ANEXO M – 16º UNESC em Dança. Teatro Elias Angeloni. Criciúma – SC



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

ANEXO N - Festa de Mascaras da Universidade de Maringá.
Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro. Maringá, PR.



Fonte: Dançarina Jessica Luzziatti, 2016.